

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
FACULDADE DE HISTÓRIA
MESTRADO

CLEITON RICARDO DAS NEVES

**O Projeto de identidade latino-americana de Manoel Bomfim na
obra *A América Latina: Males de Origem* (1905)**

Goiânia
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLEITON RICARDO DAS NEVES

O Projeto de identidade latino-americana de Manoel Bomfim na obra *A América Latina: Males de Origem* (1905)

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do grau de mestre em história.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Identidades, Fronteiras e Culturas de Migração.

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho.

Goiânia

2010

Cleiton Ricardo das Neves

O Projeto de identidade latino-americana de Manoel Bomfim na obra *A América Latina: Males de Origem* (1905)

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em História do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho – UFG

Presidente da Banca

Prof. Dr. Eduardo José Reinato – UCG

Prof^a. Dr^a. Fabiana de Souza Fredrigo – UFG

Prof^a. Dr^a. Libertad Borges Bittencourt – UFG

Suplente

Agradecimentos

Ao CNPQ que disponibilizou a bolsa de estudos para a realização do presente trabalho.

Ao professor Eugênio Rezende de Carvalho, orientador deste trabalho, pela paciência e dedicação a mim dispensadas ao longo de minha caminhada acadêmica na pós graduação da UFG.

Aos professores Marcio Antônio Santana e Eduardo José Reinato, pela dedicação com a qual me introduziram e me auxiliaram na discussão latino-americanista ainda na graduação.

Ao meu filho Daniel Ricardo Moraes dos Santos Neves, razão de minha vida, pelo amor e ternura sempre presentes, os quais sempre me deram novo ânimo na jornada da vida.

À minha esposa Ana Cristina Moraes dos Santos Neves, pelo seu amor e compreensão de minhas constantes ausências dedicadas aos estudos.

À minha mãe Benedita Matias das Neves, que sempre apoiou e incentivou minha caminhada na academia.

Aos meus irmãos Nivaldo e Nivair que sempre respeitaram e incentivaram meus estudos.

Ao meu amigo André Luiz pelo carinho e companheirismo em todos os momentos da vida.

Espero poder retribuir a cada um o que fizeram por mim e desculpem aqueles que não foram citados, mas tenham a certeza de que estarão sempre comigo. Obrigado.

*“A grandeza do Homem se exprime
pelo esforço constante para
compreender melhor as suas necessidades,
para conhecer qualquer coisa de novo;
continuar, conservar é obra dos mortos;
viver é acrescentar alguma coisa ao que existe,
Eliminar o que já não convém”
(Manoel Bomfim)*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O CONTEXTO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE MANOEL BOMFIM.....	18
1.1 O Brasil e a América Latina no Final do Século XIX.....	18
1.2- Manoel Bomfim em seu Contexto: vida e obra.....	26
2. REPRESENTAÇÕES DEPRECIATIVAS DE RAIZ EUROPEIA SOBRE A AMÉRICA LATINA: ORIGENS E REFLEXOS DAS TESES SOBRE A HIERARQUIA RACIAL E A MISTIÇAGEM.....	39
2.1 Georges- Louis Leclerc Buffon.....	40
2.2 Corneille De Pauw.....	44
2.3 Hegel e a Imaturidade da América.....	47
2.4 Darwinismo Social.....	49
3. O “PARASITISMO SOCIAL” DE MANOEL BOMFIM: OS MALES DA AMÉRICA LATINA ORIGINÁRIOS DE UM “PASSADO FUNESTO”.....	56
3.1 Parasitismo e Degeneração.....	57
3.2 As Nações Colonizadoras da América do Sul.....	60
3.3 Efeitos do Parasitismo sobre as Novas Sociedades.....	64
3.4 Efeitos Devidos à Tradição e à Imitação.....	71
3.5 Revivescência das Lutas Anteriores.....	73
4- A IDENTIDADE “MISTIÇA” DE MANOEL BOMFIM.....	75
4.1- O indígena.....	77
4.2- O negro.....	80
4.3- O ibérico.....	81
4.4- A mestiçagem.....	82
CONCLUSÃO.....	91
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

RESUMO

A presente dissertação objetiva contribuir para o debate latino-americanista trazendo para a discussão as idéias do pensador brasileiro chamado Manoel Bomfim (1868-1932) especificamente com relação à identidade latino-americana. Pretendemos, para tanto, vislumbrar em que medida as considerações que este pensador brasileiro faz acerca da América Latina podem ser consideradas como um projeto de identidade latino-americana, e como tal projeto incorpora o homem mestiço como seu portador. Tal projeto presente em Bomfim embasa-se principalmente nas idéias de parasitismo social e mestiçagem. Como desdobramento da dissertação, pontuamos uma análise da biografia intelectual de Bomfim concatenada com o discurso intelectual da época. Neste sentido, identificamos as correntes de pensamento que explícita ou implicitamente influenciaram a construção de uma visão deturpada da América Latina e do homem latino-americano e que são refutadas nas obras de Bomfim. Tais refutações são basilares para o seu discurso, pois sua narrativa é uma narrativa de resistência e seu pensamento se caracterizará pela defesa das acusações de degeneração, ao mesmo tempo em que ataca as pretensões de neo-colonização da América Latina tanto da Europa quanto dos Estados Unidos. Por fim, trabalha-se as concepções fundamentais que trazem a originalidade de Bomfim para este debate, sua especificidade e importância, tanto para uma identidade latino-americana quanto para uma possível identidade nacional. Isto numa relação entre o macro e o micro, pois Bomfim pensa a América Latina a partir do Brasil. Salienta a mestiçagem, a plasticidade cultural e educação como fundamentos de seu projeto identitário latino-americano.

Palavras chave: América Latina, mestiçagem, identidade.

ABSTRACT

The present dissertation has an objective to build a Latin-Americanist debate unfolding the ideas of a Brazilian thinker named Manoel Bomfim (1868-1932), specifically with respect to Latin American identity. We intent to glimpse in which measurement the forethoughts of this Brazilian thinker makes of Latin America; if it can be considered a project of identification of the Latin American identity and as such design incorporates the mestizo man as bearer. This present project in Bomfim's work is especially based on the ideas of social parasitism, miscegenation. As an unfoldment of the dissertation, we focused on an analysis of Bomfim's intellectual biography connected with the intellectual discourse of the time. This locates spatially and temporally the Brazilian and foreign interlocutors of Bomfim. In this sense, we identify the streamlines that explicit or implicitly influenced the construction of a distorted conception of Latin America and of the Latin-American and which are refuted in Bomfim's works. Such refutations are the basis for Bomfim's discourse because his narratives are of resistance and his thought is characterized by the defense, as well as attacks the neo-colonization pretensions of both Europe and the United States, regarding Latin America. Finally, the fundamental conceptions that bring Bomfim originality to this discussion were worked; it's specificity and importance, both for the Latin-American identity as for a possible national identity. Herein, in a macro micro relation, Bomfim thinks Latin America from a view point in Brazil. He accentuates the miscegenation, the cultural plasticity and education as the fundaments of his Latin-American identification project.

Keywords: Latin America, mestizaje, identity.

INTRODUÇÃO

A América Latina foi, historicamente, objeto de inúmeras representações, sendo que, até o século XIX a maioria delas foi construída e disseminada a partir do referencial europeu, com base em uma imagem bastante negativa em vários aspectos. No final do século XIX e início do século XX, vários intelectuais latino-americanos buscaram romper com a negatividade de tal representação, contrapondo uma imagem mais positiva da América Latina mediante a valorização do próprio em contraposição à perspectiva eurocêntrica. Entre estes intelectuais encontrava-se, no início do século XX, o brasileiro Manoel Bomfim.

Manoel Bomfim, sergipano de Aracaju, nasceu em 1868, era médico, radicado no Rio de Janeiro, mostrou-se ao longo de sua vida um estudioso dos problemas nacionais, investigando suas causas, denunciando seus males, apontando soluções, como atestam seus livros, *A América Latina* (1905)¹, *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930), e *O Brasil nação* (1931). Sua análise tanto do Brasil quanto da América Latina passa pela História, Sociologia, Literatura, Pedagogia e Psicologia. Poucos meses antes de morrer, escreveu sua última obra, *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932)², a qual foi lançada postumamente. Bomfim morreu em 1932, vítima de câncer. Ao analisar sua biografia, percebe-se que foi um intelectual marginal, um “rebelde esquecido”³ que nadou contra a corrente intelectual dominante de sua época.

Sua relevância reside na singularidade de seu pensamento na história das idéias no Brasil – que não tinha uma tradição de pensadores preocupados com o tema latino-americano – bem como no seu posicionamento frente a um debate que tanto inquietou a intelectualidade latino-americana como um todo.

¹ As citações bibliográficas na presente dissertação obedecerão ao ano da publicação da obra e não a reedição adotada pela pesquisa, escolheu-se trabalhar metodologicamente desta forma visando uma melhor localização temporal para os leitores.

² No entanto, esta obra foi finalizada ainda em 1931, nos últimos meses de vida de Bomfim. A obra foi agraciada com um segundo lugar no prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras em 1932.

³ Este conceito é de Ronaldo Conde Aguiar e é título de um livro do mesmo autor, intitulado *O Rebelde Esquecido: Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*. São Paulo: Topbooks, 2000. Este conceito inspira a idéia de que Bomfim teria sido um intelectual que se rebelara contra as idéias positivistas e racistas vigentes em sua época.

O discurso latino-americanista tem construído uma tradição que se pauta pelos questionamentos acerca da identidade latino-americana. Este pensamento tem seus representantes localizados em vários países de nosso continente, que produziram seus discursos tanto no transcurso do século dezanove quanto no século seguinte. O estudo de Manoel Bomfim se torna relevante por este pensador ser pioneiro nas discussões latino-americanistas no Brasil, bem como pelas contribuições que legou aos pensadores posteriores.

Dessa forma, a presente dissertação pretende evidenciar como Manoel Bomfim se distanciou do pensamento corrente entre a maioria de seus contemporâneos (brasileiros ou hispano-americanos), na confecção de seu projeto. Procura saber também em que medida, em que aspectos e por quais razões o discurso identitário do intelectual brasileiro representou uma ruptura com as representações correntes e depreciativas acerca da América Latina, formuladas externamente, sobretudo a partir da Europa.

Entre os estudiosos que investigaram o tema, destacam-se, de um lado, aqueles que trataram o assunto mais geral das representações da América Latina e da tese da inferioridade latino-americana e seus reflexos na própria América Latina, incluindo o Brasil, como por exemplo Antonelo Gerbi em seu livro *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)* e de outro lado, aqueles que se dedicaram especificamente ao estudo da obra de Manoel Bomfim, seja enfocando outros temas ou especificamente a parte de sua obra que trata especificamente do tema da América Latina, como por exemplo Aluizio Alves Filho, Flora Sussekind e Roberto Ventura, José Maria de Oliveira Silva, Ronaldo Conde Aguiar, Rebeca Gontijo e José Carlos Reis.

Em Antonelo Gerbi, é possível encontrar um dos principais estudos acerca das teses depreciativas da América e do americano. Ele contribuiu muito para o estudo em questão, principalmente na parte que trata de Buffon, De Pauw e Hegel. Seu estudo vai até o final do século XIX e contempla as discussões sobre as três raças que constituem a América e as acusações e defesas das mesmas.

Um dos pioneiros a trabalhar Bomfim no final do século passado foi Aluizio Alves Filho que em seu livro *Pensamento político no Brasil: Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido* (1979) fez um resgate de Manoel Bomfim

dando prioridade para suas concepções acerca dos menos favorecidos, ou seja, o povo, e não as elites como até então havia ocorrido tanto na América Latina quanto no Brasil. Alves Filho trabalhou principalmente o conteúdo de *A América Latina: Males de Origem*, ressaltando sua originalidade para com o discurso de resistência, mostrando os principais pontos de seu argumento, com os quais refuta as teses depreciativas da mestiçagem no Brasil e na América Latina, inclusive dando alguns indícios de seu possível esquecimento.

Flora Sussekind e Roberto Ventura em *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (1984) fazem um apanhado geral das obras de Bomfim desde *A América Latina: Males de Origem*, até *O Brasil nação*, que ocupam 80% do livro, e nos 20% restante, fazem alguns comentários introdutórios ao pensamento de Bomfim, inclusive partindo da pergunta sobre o porquê de seu esquecimento. Como possível resposta ao questionamento, estaria o uso de metáforas e o discurso carregado de biologismos. Ou seja, características do discurso com ranço positivista que buscava a legitimidade para a análise histórica servindo-se de discursos de disciplinas com cientificidade não contestada. No entanto, neste livro, pouco se observou sobre a discussão na qual estava inserido, ou seja, no debate latino-americanista. Privilegiou-se sua ressonância no Brasil, como se averigua na constante referência a Silvio Romero, o interlocutor rival de Bomfim.

Outro contribuinte ao pensamento de Manoel Bomfim é José Maria de Oliveira Silva que em sua dissertação de mestrado intitulada *Da educação à Revolução: Radicalismo Republicano em Manoel Bomfim* (1991) analisa as concepções de Bomfim referentes a uma ideologia radical na prática do liberalismo na sociedade brasileira. A educação seria um eixo norteador do trabalho que faz referência ao caráter pedagógico das análises de Bomfim. Seu escrito é assim dividido: uma primeira parte, onde analisa a concepção de Bomfim com relação à educação. Uma segunda na qual analisa as concepções progressistas de Bomfim e, por fim, uma terceira, na qual relaciona a primeira e a segunda parte para se construir o nacionalismo, ou melhor, para refazer a história nacional a partir dos postulados de pátria e revolução.

Já Ronaldo Conde Aguiar em seu *O Rebelde esquecido* (2000), uma obra de caráter biográfico, faz um resgate histórico-sociológico de Bomfim desde o nascimento até sua morte. Dá maior ênfase no pensamento crítico e

na resposta a este pensamento. Isto justifica o seu título, pois Bomfim era com toda certeza um rebelde, que manifestava sua rebeldia nas críticas contra a elite brasileira, tanto intelectual quanto política e econômica. Sua obra é, portanto, uma espécie de biografia sociológica. Sua abordagem muito contribui para o estudo em questão, pois traz aspectos da vida de Bomfim que se apresentam como de extrema relevância, ajudando-nos a remontar o espaço de experiência do autor, e, por conseguinte, lançando luzes sobre as expectativas geradas no seio deste espaço, que poderão ser vislumbradas em suas obras.

Temos também a contribuição de Rebeca Gontijo que em sua dissertação de mestrado intitulada *Manoel Bomfim: "Pensador da história na primeira república"* (2001), analisa principalmente as concepções historiográficas de Bomfim com relação ao Brasil, com vistas a se contrapor à historiografia vigente e principalmente contra a historiografia produzida por Adolf Varnhagem. Segundo ela, Bomfim foi um revolucionário no campo do saber historiográfico, pois deu voz aos marginalizados e os colocaram como fundamento no processo de constituição da identidade nacional brasileira, que em sua concepção é fundada desde as primeiras lutas contra o estrangeiro.

Outro autor a trabalhar o pensamento de Bomfim foi José Carlos Reis em seu livro *As Identidades do Brasil 2* (2006). Nesta obra, Reis afirma que Bomfim foi um dos poucos pensadores que conseguiram pensar a realidade brasileira a partir de um pensamento independente, formado no espírito da nacionalidade, no entanto, em alguns aspectos ingênuo, em função de suas características utópicas. Para chegar a tais conclusões sobre Bomfim, Reis trabalha principalmente o livro *O Brasil nação*, e a concepção de fundação de nação assim como o ideal revolucionário presente no mesmo.

Sobre estes últimos, identificamos que ainda persistem algumas lagunas ou aspectos que não foram ainda tratados, que merecem um novo enfoque, quais sejam, a contribuição de Bomfim para o debate latino-americanista, sua defesa do latino-americano mestiço e principalmente seu projeto identitário latino-americano, o qual o mestiço é o seu fiel portador, todos presentes na obra *A América Latina: males de origem*. A importância científica de se completar tais lacunas referentes ao objeto se dá em função da riqueza do debate de história das idéias desenvolvidos na América Latina e com o qual o

estudo de Manoel Bomfim e de seu projeto identitário latino-americano pode lançar novas luzes e possibilidades.

O objetivo maior deste estudo é investigar os fundamentos ou as bases da proposta de identidade latino-americana formulada por Manoel Bomfim em sua obra *A América Latina: males de origem*, com destaque para a sua reinterpretação do passado colonial e para os sujeitos desse projeto identitário.

Portanto, desafiado pelo discurso exógeno que aponta a tese da inferioridade latino-americana como a causa da carência de progresso e civilização da América Latina, Manoel Bomfim responde contradiscursivamente apontando as causas históricas de tais carências e projetando uma nova identidade, que revaloriza positivamente os sujeitos latino-americanos, sobretudo os elementos mestiços.

A presente pesquisa se situa no campo da história intelectual, numa abordagem que parte do princípio da negação da existência real das idéias. Embora tenha como objeto a “idéia” de Manoel Bomfim sobre a América Latina, temos a clareza de que as idéias são produtos socialmente determinados que não constituem uma dimensão independente e autônoma da realidade social e histórica. Trata-se de uma história intelectual que busca privilegiar a análise das articulações internas (análise e interpretação textual do discurso produzido pelo intelectual) e externas (análise das relações do discurso com o seu contexto de produção), mesmo tendo consciência da fragilidade da noção de contexto frente à questão da sua permanente mediação pelos discursos.

Trabalharemos com o conceito de identidade e representação na perspectiva de diversos autores situados na corrente dos estudos culturais, que vêem a mesma como um processo dialético de identificação e diferenciação. Nesta perspectiva, as identidades estão ligadas a estruturas discursivas e narrativas, bem como a sistemas de representação e de produção de sentido. Torna-se importante, no nosso objeto específico, investigar os elementos de alteridade ou negatividade (os “diferentes” inquiridores) presentes nos argumentos legitimadores da identidade latino-americana de Manoel Bomfim, bem como as relações temporais (valoração e relação entre as dimensões passado, presente, futuro) e os sujeitos históricos apontados como portadores privilegiados da mesma.

A identidade pode ser compreendida como um fenômeno natural ou construída discursivamente, mas que em todo caso traz para o debate as características que unem e dão coesão social a uma comunidade, povo ou mesmo nação. Dessa forma, a cultura compreende um reservatório do que de melhor cada sociedade possui (de saber e de pensamento), não deixando também de ilustrar o que de pior ela constrói, como as ideologias justificadoras de dominação, preconceitos étnicos e religiosos, estigmas, etc. De certa maneira, a cultura deve ser avaliada como uma fonte de identidade, onde se podem perceber os perfis de um povo. Mas ainda assim, quando se pensa em identidade, pensa em contrapartida na diferença, pois se pensa diferente de outrem, neste sentido devemos pensar a identidade latino-americana imbuída de elementos distintos, heterogêneos, mas que concorrem cada qual a sua maneira para a construção de algo diverso, novo, singular, que é a identidade latino-americana.

Segundo Larrain Ibañez (1996) existem três concepções de identidade cultural, sendo "*una constructivista, de carácter plural y totalmente abierta a cualquier cambio; otra esencialista, estrecha y cerrada a todo cambio; y otra, intermedia, incluyente y en falta de mejor nombre, podríamos denominar histórico-estructural*" (LARRAIN IBAÑEZ, 1996, p.214). De acordo com a concepção construtivista a identidade cultural seria o resultado do discurso, pois este teria a responsabilidade de organizar toda a vida social. Nesta perspectiva, o sujeito não cria o discurso, mas o discurso cria o sujeito. Em contrapartida, a concepção essencialista defende que o elemento identitário já está dado naturalmente no ato de constituição da nação, e que desde então são compartilhados reiteradamente, pois é algo dado, essencial. Em último lugar, mas não menos importante, tem a concepção histórico-estrutural, que prima por um equilíbrio entre as duas posições anteriores. Por um lado pensa a identidade cultural como algo dinâmico em constante processo de leitura e reconfiguração, e por outro, não vê a identidade cultural apenas como resultado de uma construção discursiva, mas sim, como um processo dinâmico no qual as práticas e representações cotidianas são fundamentais para sua construção. E é basicamente por esta terceira via que interpretamos o projeto identitário latino-americano de Manoel Bomfim.

Por representação entendemos as percepções do universo social, percepções estas que não são, em espécie alguma, discursos neutros. “A representação faz ver uma ausência, o que pode ser uma distinção clara entre o que representa e o que é representado”, mas por outro lado também “é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (CHARTIER, 1991, p.184). Dessa forma, as representações

produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p.17).

A concepção de discurso de resistência aparece aqui aplicada à interpretação bomfiniana pelo sentido que o conceito carrega, qual seja o de viabilizar uma resistência efetiva que consiga representar as necessidades da sociedade. Estas são algumas características presentes em Manoel Bomfim.

Isto faz com que a interpretação do passado, levada a cabo por alguns brasileiros, e aqui especificamente por Bomfim, seja por si só um discurso de resistência, pois a possibilidade de se ter uma identidade originalmente nacional estava no debate de representações, as quais até então eram efetivadas pela Europa e pelos Estados Unidos, os quais no discurso eram os únicos portadores de “verdadeira” identidade.

Na concepção de Edward Said o discurso de resistência é uma prerrogativa de quem aspira à libertação de uma condição subalterna, ao mesmo tempo em que se pretende forjar a partir do próprio discurso uma integração social para o povo. Mesmo escrevendo sobre uma realidade diversa, a contribuição de Said se apresenta como iluminadora de nosso objeto uma vez que procura desconstruir o discurso colonialista produzido por europeus sobre outros povos. Sua idéia de resistência cultural é pertinente, pois busca a relevância no contexto de tomada de consciência da situação colonial das chamadas “narrativas de emancipação e esclarecimento”, que em suas formas mais vigorosas “também foram narrativas de integração, não de

separação, histórias de povos que tinham sido excluídos do grupo principal, mas que agora estavam lutando por um lugar dentro dele” (SAID, 2005, p.29).

Entre as dezenas de livros escritos por Bomfim, sobre as mais diversas áreas⁴, temos um pequeno grupo de obras que consideramos mais importantes para o trabalho em questão, que são: *Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923), *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na história: deturpação dos trabalhos, degradação política* (1930), *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira* (1931). Porém, a principal obra de Bomfim para o nosso propósito, obra esta que fundamenta e legitima a presente dissertação é *A América Latina: males de origem* (1905).

A presente dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, exploramos panoramicamente o contexto histórico de formação do pensamento de Manoel Bomfim, que se divide em duas partes, sendo que a primeira trabalha o contexto histórico latino-americano e brasileiro do final do século XIX e, a segunda, aborda Manoel Bomfim nesse contexto, dando prioridade para a sua biografia intelectual.

No segundo capítulo são apresentadas as principais interpretações acerca da América Latina, de caráter eurocêntrico, que tinham como objetivo denegrir ou mesmo deturpar a realidade latino-americana, tais como as análises empreendidas por Buffon, De Pauw, Hegel e pelos representantes do darwinismo social. Tais interpretações se encontram explícita ou implicitamente na obra *A América Latina: Males de Origem*, onde são veementemente refutadas por Bomfim.

No terceiro capítulo analisamos as principais idéias de Bomfim no que se refere ao parasitismo social, bem como o seu diagnóstico e sua terapêutica para os problemas latino-americanos. É neste capítulo que conseguimos visualizar a originalidade do pensamento de Bomfim acerca da América Latina, revelando sua perspectiva latino-americanista, pois ao representá-la contradiscursivamente, ele construiu uma narrativa de resistência que fundamentou seu projeto identitário de uma comunidade imaginada latino-

⁴ A lista completa de suas publicações encontra-se no capítulo primeiro e, ao final, na bibliografia.

americana. É neste capítulo que é analisado com mais detalhamento o conceito de *parasitismo social*, um conceito-chave da interpretação que Bomfim faz da América Latina, denunciando suas conseqüências nefastas para o futuro latino-americano. Tais conseqüências negativas seriam o que deveria ser reparado pelo seu projeto identitário. Portanto, na obra *A América Latina: Males de Origem* se percebe uma batalha de representações, batalha na qual a obra se insere como sendo mais uma representação do passado latino-americano, só que com a pretensão de libertar e incentivar a América Latina a trilhar um caminho no qual todas as suas potencialidades pudessem ser efetivadas plenamente.

Por fim, no quarto capítulo aprofundaremos nossa abordagem da identidade e da cultura latino-americana que se processa, segundo Bomfim, através da mestiçagem e de seu representante: o homem mestiço. Seu projeto identitário só seria possível a partir da ferramenta interpretativa denominada *parasitismo social*, trabalhada no capítulo anterior. É importante evidenciar que, em qualquer projeto identitário, não se busca apenas ressaltar o “como são” determinado povo, mas também e principalmente “como querem ser”. Nesse sentido, o projeto identitário latino-americano de Manoel Bomfim se propôs a representar as aspirações do povo latino-americano por meio da manifestação de sua identidade e cultura.

Com o presente trabalho, não temos a pretensão de esgotar a temática, mas sim, dentro de nossas limitações, contribuir para o debate intelectual sobre a América Latina do ponto de vista dos projetos de identidade latino-americana. Por isso, o conhecimento e o estudo da obra de Manoel Bomfim pode contribuir para a análise tanto da América Latina quanto do Brasil, sob a ótica daqueles sujeitos historicamente marginalizados.

1 O CONTEXTO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO DE MANOEL BOMFIM

Este capítulo está dividido em duas partes, sendo que a primeira destina-se à análise do processo de consolidação das nações latino-americanas, com atenção especial para o Brasil. A segunda analisa a biografia intelectual de Manoel Bomfim, biografia que esteve em diálogo aberto com a corrente de ideias que o precederam, tanto em âmbito nacional quanto regional ou latino-americano. É neste momento que se abordará o autor em seu contexto, ou seja, a vida e a obra de Manoel Bomfim.

1.1 O Brasil e a América Latina no Final do Século XIX

O século XIX caracteriza-se, na América Latina, pela luta em favor da independência de suas colônias, que se estendeu do início até meados do século em questão. Mas não apenas as independências foram importantes neste período, também o caráter ideológico que as fundamentou e, mais do que isto, o sistema de governo instituído na maior parte dos novos estados nacionais.

Sob a bandeira da ilustração do século XVIII foram travadas as lutas pela independência das colônias latino-americanas. Neste caso, a ilustração francesa, o liberalismo inglês e as novas ideias derivadas de Augusto Comte orientaram a constituição das novas nacionalidades Ibero-americanas. As elites latino-americanas, tanto política quanto intelectual, buscavam no novo cientificismo explicações cabíveis para o atraso e para a quase ingovernabilidade das novas nações americanas. Dessa forma, as novas ideias científicas seriam uma promessa de ordem e progresso para o aparente “caos” reinante na América Latina.

No final do século XIX, os Estados Unidos retomavam o projeto da Doutrina Monroe⁵, enquanto as nações latino-americanas lutavam para se

⁵ A Doutrina Monroe foi promulgada pelos Estados Unidos em 1823, pelo então presidente James Monroe, e primava por certo protecionismo às nações americanas contra possíveis investidas bélicas do Velho Continente sobre suas antigas colônias. No entanto, passou a ser uma ação unilateral, interpretada *a posteriori* (início do século XX, em 1904, com o corolário Roosevelt) como uma possibilidade de intervenção, inclusive militar, para garantir seus interesses político-econômicos em toda a América Latina.

incorporarem ao discurso civilizatório europeu. Em tal aspecto, os intelectuais tiveram um papel predominante, pois construíram representações de seus países e de seus habitantes, nas quais os elementos nativos ou bárbaros foram introduzidos no discurso, por parte de alguns, ou foram aniquilados discursivamente, por outros. Aos que fazem parte deste último grupo, no lugar do elemento nativo, base originária do novo homem, o mestiço foi colocado o “homem ideal”, de influências europeias e brancas, mais especificamente anglo-saxônicas, para redimir o atraso e a degeneração causados pela influência da raça indígena e negra. Poucos foram os pensadores que consideraram o elemento mestiço como partícipe da nação. Raros também foram os intelectuais que não pensaram a América Latina a partir do conceito simplesmente de raça, entre os quais esteve Manoel Bomfim. Ele foi um intelectual que defendeu a ideia de cultura ao invés de raça, isto porque, para Bomfim, não existiria uma raça superior a outra, mas sim estágios distintos de civilização.

Na Europa, discutia-se o seu papel civilizador, ou mesmo a sua missão civilizatória em relação aos povos “atrasados” que viviam na América. Neste aspecto, percebe-se como a Europa, em sua relação com os outros povos não europeus, foi definindo sua identidade, ao mesmo tempo em que definia também a identidade daqueles considerados, neste caso, atrasados e bárbaros, incluindo os latino-americanos. Esta discussão é interessante e foi exposta com maestria por Edward Said, em seu livro *Cultura e imperialismo* (2005), no qual o autor analisa os discursos das nações imperialistas, dentre elas os Estados Unidos.

Enquanto ocorrem apenas algumas iniciativas espaciais de se pensar a América Latina como um conjunto de povos com identidade continental, tem-se uma quantidade maior de intelectuais engajados na temática nacionalista. Este ponto indica um caminho que não foi percorrido por muitos pensadores na América Latina, ou seja, o de relacionar uma identidade nacional com uma identidade regional, latino-americana. Bomfim foi um dos poucos brasileiros a

Assim se expressava o presidente dos EUA em 1904 “a insistência no erro, da parte de alguma nação americana, poderia exigir a intervenção de outra nação civilizada” fazendo com que a “fidelidade dos Estados Unidos à Doutrina Monroe nos leve a exercer um poder de polícia internacional” (ROOSEVELT. Apud: SCHILLING, 2002, p.42)

tentar tal ousadia e o resultado é, além de seu *A América Latina: males de origem*, sua trilogia *O Brasil na América*, *O Brasil na História* e *O Brasil Nação*.

Neste aspecto, será observada a articulação entre o micro e o macro, pois Brasil e América Latina tinham muitas diferenças, segundo o próprio Bomfim, mas também havia similitudes que possibilitariam aos representantes da América Latina lutar para serem inseridos não somente no discurso, mas também, e principalmente, na vida sócio-político-econômica mundial.

Para pensar a identidade latino-americana, Bomfim fez o que Jorge Larrain Ibañez afirmou ser um processo de associação de construção identitária, pois

las ideas principales asociadas con ella parecen las de permanencia, cohesión y reconocimiento. Cuando hablamos de identidad, solemos implicar una cierta continuidad, unidad y autoconciencia. (IBAÑEZ, 1996, p.93)

A autoconsciência supracitada é tratada por Bomfim como algo constitutivo do povo brasileiro, mas que foi silenciada ao longo do tempo por projetos homogeneizantes de uma elite bacharelesca, que não dava voz ao povo, mas sim aos olhares exteriores. Com isso, segundo Bomfim, o que fizeram foi, ao longo dos séculos, no Brasil, malograrem as várias revoluções que poderiam ser de cunho nacional e popular. Estas sim teriam as características da alma nacional.

De forma semelhante, tanto luso-americanos quanto hispano-americanos estavam sofrendo duras críticas quanto à viabilidade de sua identidade, cultura e, principalmente, quanto à sua competência político-econômica, só que agora não poderiam estar preocupados somente com a invasão e a neo-colonização européia; tinham também um novo problema, a situação de soberania perante o protetorado estadunidense. A princípio, os Estados Unidos eram tidos como um aliado; no entanto, com a consequente reinterpretação da Doutrina Monroe, passaram a ameaçar a autonomia e a soberania das nações latino-americanas.

Quando se fala de América Latina atualmente, vem claramente à mente o universo de populações que se encontram logo abaixo dos Estados Unidos e que comungam entre si o fato de terem uma origem semelhante a partir da

questão linguística, pois o espanhol e o português são línguas neolatinas. Mas, muito mais do que a questão linguística, tem-se a questão cultural, pois as nações latino-americanas são fruto da colonização ibérica e, portanto, comungam elementos étnico-culturais semelhantes.

No entanto, no início do século XX (1903), Manoel Bomfim chamou a atenção para o perigo e, ao mesmo tempo, para a amplitude da utilização do conceito de América Latina, muito embora seja o título de seu próprio livro, afirmando que tal designação era muito mais geográfica do que cultural. Seria o mesmo que designar Caribe, como se houvesse uma homogeneidade de língua e cultura nesta região, o que não há. Pelo contrário, o Caribe é muito mais conhecido pela heterogeneidade do que pela homogeneidade.

Isto pode ser aferido nas próprias argumentações de Bomfim, conforme se segue:

Expressão de tanto uso, essa América Latina deve servir, sensatamente, para designação geográfica - do grupo de nações formadas por ibéricos, num regime colonial de subordinação e dependência imediata, e que logo se degradou em parasitismo, despótico, antiprogressista. No mais, é designação nula, própria somente para a tecnologia fútil dos que, aceitando a divisão fácil do Ocidente em - latinos, germânicos, eslavos... Voltados para este lado, concluem que deve haver uma América Latina, para contrapor-se à América inglesa. (BOMFIM, 1929, p.32).

Ora, à primeira vista pode-se questionar o fato de Bomfim relativizar o conceito de América Latina, e é verdade. Mas isto ele faz mostrando que até essa própria designação, enquanto povos de origem ibérica têm, de vir a partir de indivíduos alheios a estas pátrias e aos sentimentos nelas presentes. Isto porque, a princípio, eram todos designados como hispano-americanos, luso-americanos ou simplesmente ibero-americanos.

Segundo Richard Morse, pesquisas sobre a expressão conduzem a Michel Chevalier (1806-1879), engenheiro, político e economista liberal francês, que teria mencionado o termo América Latina durante missão diplomática francesa feita aos Estados Unidos e México em 1836. A partir de então, convencionou-se chamar genericamente essa complexidade de nações simplesmente de América Latina. E isto em função de uma “suposta unidade

linguística, cultural e racial dos povos latinos, em contraposição aos germânicos, anglo-saxões e eslavos” (MORSE, 2000, p.14).

O que Morse defende aproxima-se, em muitos aspectos, do que o próprio Bomfim já havia discutido em 1903, inclusive se for observada a discussão de Morse em seu livro *O Espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*, no qual ele faz claramente a opção por trabalhar a América enquanto fruto de seu passado colonizador, ou seja, enquanto Ibero-América, em contraposição à Anglo-América. Então, mesmo levando em consideração os possíveis problemas vinculados ao conceito, Bomfim fez uso dele, bem como de conceitos sinônimos, como os de Ibero-América e Sul-América. Bomfim preferiu, inclusive, utilizar-se dos conceitos de América do Sul ou mesmo Ibero-América para designar as nações então classificadas como latino-americanas.

Ao utilizar o conceito América do Sul, Bomfim fez referência a todos os povos que estão abaixo dos Estados Unidos. Inclusive o México entrou nesta designação conceitual de Ibero-América ou América do Sul, pois se encontra ao sul dos EUA.

O momento em que Bomfim escreveu foi justamente um momento de redefinição na América. Isso porque os Estados Unidos já haviam resolvido suas tensões internas e voltavam sua atenção para a política externa. Já na segunda metade do século XIX, houve uma reinterpretação e reafirmação da Doutrina Monroe contra as pretensões da Europa. No entanto, Bomfim, que conhecia o discurso da doutrina Monroe e o perigo que ela representava, já a discutia em seu livro, chamando a atenção da América Latina.

É nítida a percepção de que as ameaças contra a América Latina não partiam somente da má vontade europeia. Partiam da má vontade europeia concatenada com novos discursos científicos, os quais Manoel Bomfim classificou como “pseudocientíficos”. Na verdade, esses discursos não eram tão novos, pois alguns surgiram no século XVIII, embora no século XIX tenham ressurgido com uma força esmagadora, isto somado à deturpação que foi feita das teses de Charles Darwin, desembocando no que se convencionou chamar de “darwinismo social.”

Não é por menos que Darcy Ribeiro afirmou que Bomfim deu uma grande contribuição para o pensamento latino-americano ao ter percebido

o caráter reacionário e anti-científico do chamado “darwinismo social”. No seu tempo em que tantos autores brasileiros, latino-americanos - como de resto, os ensaístas de todo o mundo – apelavam para esta falsificação como a explicação básica da história, Manoel Bomfim a desmascara, afirmando que é desonesto confundir as “alternativas históricas dos povos” com a suposta “inferioridade definitiva das raças.” (RIBEIRO, 2005, p.19)

Mas como o darwinismo social somente veio somar forças ao argumento deturpador da realidade no Novo Mundo, serão analisadas panoramicamente quais eram essas ideias e como elas foram incorporadas ao discurso imperialista europeu ao longo do século XIX e início do século XX.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, as ideias racialistas desenvolvidas no Brasil a partir de 1870 foram resultado de discussões iniciadas na Europa no século XVIII e com mais ênfase e propriedade no século XIX. Por esse motivo, Schwarcz, no livro *O Espetáculo das Raças* (1995), afirma que as ideias desenvolvidas no século das luzes por naturalistas como Buffon e De Pauw⁶ foram fundamentais para instrumentalizar teóricos e viajantes do século XIX em sua visão estigmatizadora acerca das raças inferiores ou inferiorizadas que compunham o cenário sócio-antropológico latino-americano. Nas palavras da autora,

Os teóricos raciais do século XIX referiam-se constantemente aos pensadores do século XVIII, mas não de maneira uniforme. Enquanto a literatura humanista e em especial Rousseau apareciam como seus principais antagonistas – em sua defesa da noção de uma humanidade una -, autores como Buffon e De Pauw eram apontados como grandes influências quando se tratava de justificar diferenças essenciais entre os homens (SCHWARCZ, 1993, p.43).

A questão é que a miscigenação tornou-se, no final do século XIX, o centro das discussões sobre a viabilidade de progresso e civilização no Brasil e na América Latina. Seja para questioná-la, seja para defendê-la, inúmeros intelectuais se detiveram em pensar como poderia uma nação caminhar rumo

⁶ Estes autores serão analisados pormenorizadamente no capítulo 2, dedicado à análise das ideias depreciativas da América Latina.

ao futuro, futuro este entendido do ponto de vista do progresso, com a figura do mestiço, símbolo da miscigenação entre raças distintas, em seu meio.

Algo de suma importância para o presente trabalho é vislumbrar como a discussão em torno da mistura racial, bem como suas possíveis consequências, estavam em voga no final do século XIX e início do século XX. Esta discussão pode ser percebida quando Schwarcz (1993, p.45) afirma que

observado com cuidado pelos viajantes estrangeiros, analisado com ceticismo por cientistas americanos e europeus interessados na questão racial, temido por boa parte das elites pensantes, o cruzamento das raças era entendido, com efeito, como uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação.

No entanto, o que se observa é que a discussão trazida para o Brasil toma um caráter de repetição, para não dizer de modismo, basicamente como se a nova moda fosse explicar as mazelas sócio-econômicas do ponto de vista de um positivismo permeado de questões explicativas advindas das ciências naturais, mais especificamente elaboradas por naturalistas comprometidos em analisar e explicar as diferenças entre os homens. Para clarificar melhor esta concepção, Ángel Rama (Apud: ABDALA JUNIOR, 2004, p.11) afirma que “o mundo universitário tornou-se um porto importador de ideias, por vezes não como enriquecimento do trabalho crítico e cumulativo, mas como moda”. Era moda explicar o atraso do Brasil, bem como da América Latina ancorando-se no discurso sobre a diferença entre as raças e principalmente na degeneração das raças surgidas na miscigenação. Embora seja possível vislumbrar um pensamento pessimista a respeito de todo o Novo Mundo desde o século XVI, foi sobretudo no século XIX que este pensamento se cristalizou, quando o Brasil, em maior proporção, mas a América Latina como um todo, “para vários viajantes, representará um exemplo de nação degenerada de raças mistas.” (SCHWARCZ, 1993, p.36)

No Brasil, a discussão ainda se processava no sentido de viabilizar a nação, que era constituída de elementos, em sua grande maioria, mestiços. Para isso, era necessário, na nova forma governamental que surgiu em fins do século XIX, ou seja, na República, um projeto que integrasse a nação e permitisse o avanço sócio-econômico tão sonhado para o Brasil.

No campo das ideias no Brasil, a discussão sobre a superioridade das raças estava mais forte do que nunca, isto porque havia um grande e significativo contingente de negros e mestiços na sociedade brasileira no final do século XIX, ao mesmo tempo em que a ordem social escravista entrava em crise. Entre os autores europeus racistas consumidos indistintamente pelos intelectuais brasileiros, há um de importância singular, Gustav Le Bon, “um dos escritores europeus racistas mais vendidos nas livrarias do Rio de Janeiro até meados dos anos vinte” (SOUZA, 2001, p. 6), do século XX. Em seus livros, Le Bon condenava ao fracasso todos os países de raça mestiça, dentre os quais se encontrava o Brasil, com um terço de brancos e a maioria de negros e mulatos.

Para muitos escritores, segundo Ventura (2000), a adoção de teorias sobre a inferioridade das raças não-brancas, bem como das culturas não-europeias, vem com a difícil tarefa de se pensar uma identidade brasileira na qual o mestiço esteja presente de forma ativa. Grande parte dos viajantes, bem como dos cientistas e mesmo dos intelectuais locais, considerava a mestiçagem um entrave para a viabilidade do Brasil enquanto nação. Um dos elementos que fundamentavam a retórica da inviabilidade da nação brasileira era “a rebelião de Canudos⁷, no início da República, percebida como a síntese dos perigos e das ameaças representados por um Brasil mestiço, dominado por fanatismos e superstições” (VENTURA, 2000, p. 332).

O final do século XIX foi marcado, no Brasil, por inúmeros fatos que se propunham a mudar radicalmente os destinos do país, tais como a abolição dos escravos e a Proclamação da República. Juntamente com esses fatos, deve-se enfatizar a importância da Escola de Recife⁸ que, a partir da década de 1870, passa a ser o centro irradiador de novas ideias, dentre as quais se percebe o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo, a crítica religiosa, o

⁷ A comunidade de Canudos situava-se no nordeste da Bahia e fora formada no ano de 1893 por Antonio Conselheiro, que se opunha às “leis seculares do novo regime, como a separação entre a Igreja e o Estado e a introdução do casamento civil. Seus seguidores foram acusados de fazer parte de uma conspiração internacional com o objetivo de restaurar a monarquia, o que serviu de justificativa para o massacre da comunidade” por parte do aparato militar da República que se encerrou em 1897. (VENTURA, 2000, p. 332)

⁸ A Escola de Recife foi um movimento intelectual e cultural que floresceu dentro da faculdade de direito de Recife a partir de 1871 e se caracterizou por pensar a mestiçagem e o caráter nacional a partir da influência de postulados europeus como o positivismo e o darwinismo social, dentre outros.

naturalismo e o cientificismo na poesia e no romance. Estas formas de interpretação e explicação da realidade foram adaptadas ao contexto brasileiro, “tendo como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial.” (SCHWARCZ, 1993, p.28)

A Escola ou Faculdade de Direito de Recife foi transferida de Olinda em 1854 e, a partir de então, teve uma enorme influência no desenvolvimento das reflexões acerca das raças e de sua influência nos destinos do país, pois, imbuídos das reflexões desenvolvidas no século XVIII por naturalistas europeus como Buffon e De Pauw, consideravam as raças não-brancas como inferiores e degeneradas. Neste aspecto, observa-se que, no campo intelectual, o debate girava em torno da mestiçagem, defendendo-a ou refutando-a. Esse era o assunto que ocupava as mentes pensantes do país naquele momento.

Uma das principais saídas encontradas por quem defendia a incorporação à nação de elementos supostamente inferiores indígenas e negros era a mestiçagem como procedimento de eugenia. Esta seria o elemento que homogeneizaria o homem brasileiro, amenizando as influências das raças inferiores e potencializando as características da raça branca. Um dos teóricos brasileiros que defendiam esta posição e que fazia parte da Escola de Recife era Silvio Romero (1851-1914)⁹, que afirmava que haveria uma desigualdade natural entre os homens e, mais do que isso, defendia a ideia de um determinismo biológico e etnográfico.

No entanto, este posicionamento de Romero só perdurou até 1900, quando ele mesmo mudou radicalmente sua posição, condenando, a partir de então, toda e qualquer forma de miscigenação. Surgiu, assim, o pensamento que o caracterizou em maior proporção, que foi a defesa do arianismo ortodoxo em detrimento da mestiçagem, que passou a ser vista por Romero como degradação racial.

1.2- Manoel Bomfim em seu Contexto: vida e obra

⁹ Silvio Romero foi um dos representantes da Escola de Recife, um intelectual que contribuiu para o debate de idéias sobre a miscigenação, bem como a viabilidade do Brasil enquanto nação soberana e próspera.

Para melhor compreender a reflexão de Manoel Bomfim sobre a América Latina se faz necessário utilizar sua biografia, isto porque a biografia, não somente pode, como via de regra o faz, elucidar as ideias contidas nas obras, e isto em diálogo com o contexto no qual o autor está inserido. O uso do recurso biográfico tem sido utilizado em larga escala e é defendido por inúmeros autores, como por exemplo, Ronaldo Vainfas em seu livro *Micro-história: os protagonistas anônimos da história* (2002), além do próprio Bomfim, como defendeu em seu livro *Pensar e dizer: Estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923). Neste livro ele afirmou que para se compreender bem o que se está lendo, inclusive cada palavra, é necessário verificar as interdependências, pois elas são formais, explícitas e características na atividade mental de cada consciência. Dessa forma,

A palavra – a ideia – define-se pelo juízo em que ocorre; o juízo explica-se pelo texto, pelo parágrafo; o parágrafo tem de ser compreendido no capítulo e o capítulo tem a sua razão no total do livro que, aliás, precisa ser estudado à luz da obra e da filosofia geral do pensador. Por sua vez, o escritor tem de ser interpretado no conjunto da sua época. (BOMFIM, 1923, p. 22-23).

De forma semelhante ao que supracitado, será investigado seu pensamento, numa relação texto/contexto/biografia. Isto por que, na relação biografia/contexto, “a biografia individualizada conserva sua especificidade, sem ser exclusiva ou concentrar o foco do historiador.” (VAINFAS, 2002, p. 140)

Manoel Bomfim, sergipano, nasceu em Aracaju no ano de 1868. Filho de Paulino José do Bomfim e Maria Joaquina do Bomfim, os senhores do engenho “Bomfim”, viveu e estudou em Aracaju até 1886, momento em que se transferiu para a Bahia, para cursar Medicina. Pouco depois se dirigiu para o Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos em Medicina, defendendo sua tese intitulada “*Das Nefrites*”, isto já em 1890. Foi médico da Polícia do Estado do Rio de Janeiro e tenente-cirurgião da Brigada Policial, mas logo passou a dedicar-se à Educação e à Psicologia, áreas em que teve uma atuação importante. Entre 1901 e 1903, esteve em Paris na qualidade de comissionado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, tendo frequentado a Sorbonne e trabalhado

com Alfred Binet (1857 – 1911)¹⁰. Os estudos o levariam ainda uma segunda vez a Paris, em 1910.

Bomfim atuou ativamente no *Pedagogium*, instituição da qual foi subdiretor (1896) e, mais tarde, diretor. O *Pedagogium* foi uma instituição pública criada para impulsionar reformas e centralizar ações no âmbito do ensino público, particularmente no que diz respeito à formação de professores. No *Pedagogium*, em 1903, a convite do Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, organizou o primeiro Laboratório de Psicologia criado no Brasil, mantendo atividades de pesquisa durante quinze anos. Foi ainda diretor interino da Instrução Pública Municipal e Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, tendo sido professor de Moral e Cívica (1898), de Psicologia (1902) e de Psicologia Aplicada à Educação (1916) na Escola Normal.

Essa experiência o fez fundador e colaborador de várias revistas (*Pedagogium*, *Educação e Ensino*, *Revista Universal*, *Tico-Tico* e *Leitura para Todos*), autor de livros didáticos, alguns dos quais em co-autoria com Olavo Bilac, e de discursos e livros voltados ao ensino e aos problemas da educação. Na área da Psicologia, além de seu trabalho no Laboratório, Manoel Bomfim é autor de um estudo intitulado *Alucinações Auditivas dos Perseguidos* (1904), do livro *Noções de Psicologia* (1916), além da obra intitulada *Pensar e Dizer: estudo do symbolo no pensamento e na linguagem* (1923).

Artigos em diversos jornais e revistas também compõem o rol de atividades de Bomfim, que ainda estudante escreveu no jornal *Correio do Povo* e mais tarde em outros jornais do Rio de Janeiro. A atividade política fez dele redator e secretário do jornal jacobino *República*, em 1896. Do Jacobinismo¹¹, movimento dos defensores exaltados da República no começo do novo regime, Bomfim guardou, na sua obra de escritor, o teor nacionalista, anti-lusitano, anti-monarquista e anti-clerical. Esses traços e mais os de uma concepção de uma América unida e fraterna, a preocupação com a unidade nacional, a ênfase na industrialização para o país e, principalmente, a ênfase na necessidade da

¹⁰ Binet, pedagogo e psicólogo francês, foi o criador do primeiro teste psicológico de avaliação da inteligência.

¹¹ O jacobinismo pode ser traduzido nesta frase da historiadora Suely Robles Reis de Queiroz, que diz: "Uma sociedade laica, anti-clerical, sem o bacharelismo pedante e pontificador, onde os grupos urbanos tivessem maiores oportunidades. Um Estado republicano, nacionalista, voltado para as próprias fronteiras e conduzido por um governo forte – eis a concepção jacobina" (QUEIROZ. *Apud*: OLIVA, 1998, p. 90)

instrução pública, marcam a obra de Bomfim. Sua caracterização como jacobino, guardadas as interpretações pessoais que ele dá a alguns aspectos do ideário jacobino, fica demonstrada por José Maria Oliveira Silva (1991), em estudo sobre a obra de Bomfim e sua inserção no pensamento radical.

Na política, além da militância jacobina e da participação, em 1903, na fundação de um partido operário independente, Manoel Bomfim foi deputado federal por Sergipe, eleito em 1907. O Estado acabava de viver uma grande comoção provocada pela revolta que tentara derrubar a primeira oligarquia republicana. Em 1906, Sergipe sofreu intervenção do Governo Federal para reposição do Governo oligárquico deposto. Sucedeu-se um acordo para a pacificação do Estado, mediado pelas grandes forças da política nacional. O nome de Manoel Bomfim como candidato à Câmara fez parte dos itens negociados por Pinheiro Machado – senador gaúcho que à época liderava a política nacional – e teve o patrocínio local de Oliveira Valadão, chefe do jacobinismo sergipano. Na Câmara, Bomfim teve uma atuação pouco marcante e não conseguiu reeleger-se em 1909. Bomfim continuou, entretanto, dedicado à Educação, ao Laboratório de Psicologia e à imprensa, participando ativamente da vida intelectual carioca. Faleceu vítima de câncer em 1932, no Brasil, após longo sofrimento. Sua vida compreendeu, assim, um período bem específico da História do Brasil: viveu 32 anos no século XIX; portanto, vislumbrou a abolição e a proclamação da república, ao mesmo tempo em que viveu 32 anos no século XX e viu de perto a Semana de Arte Moderna de 1922, bem como a revolução, segundo Bomfim malograda¹², de 1930.

Bomfim foi versátil e escreveu sobre diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, Medicina, Psicologia, Educação, História, Sociologia e Literatura. E foi através de sua obra escrita, na qual se destacam os títulos *A América Latina: males de origem* (1905), *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na História: deturpação das tradições: Degradação Política* (1930) e *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira* (1931), que sua contribuição para a construção de um Brasil com identidade

¹² Segundo Bomfim, o que se chama de revolução de 1930 não passou de uma agitação política que, em suas palavras, “por mais profunda que pareça, não realiza nenhuma das condições de uma legítima revolução renovadora, pois não traz substituição de gentes, nem de programas, nem de processos.” (BOMFIM, 1931, p. 581)

própria torna-se mais visível, isso apesar de todo o silêncio e anonimato que a tem marcado ao longo de quase todo o século XX.

Manoel Bomfim veio da geração dos homens que usaram a literatura como missão ou da geração dos homens de ciência, aqueles que recepcionaram as novas ideias e, à luz dessas ideias, passaram a olhar o Brasil. Esses intelectuais procuraram enfrentar o desafio de continuarem a falar a linguagem da ciência da época, mesmo que ela não se adequasse à singularidade do objeto. Bomfim desafiou paradigmas e falou do Brasil sempre com esperança. Foi contemporâneo de figuras como Euclides da Cunha, Olavo Bilac e Machado de Assis, com quem procurou dialogar em seus trabalhos. Sílvio Romero produziu um livro intitulado *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim* (1906), somente para criticá-lo. Deixou, portanto, muito marcada a sua presença no meio intelectual da época, além de influências identificadas ou declaradas em autores como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.

Com Olavo Bilac, Bomfim escreveu uma obra-prima da educação infantil no Brasil, intitulada *Através do Brasil* (1910). Neste livro, Bomfim e Bilac defenderam a ideia de que a educação tem o papel de formação moral e civil da nação. Ambos estavam ligados à vida intelectual da época, o que pode ser vislumbrado no fato de Bomfim ter sido convidado por Machado de Assis, mas não ter aceitado, para fazer parte da Academia Brasileira de Letras, enquanto Bilac foi co-fundador da academia.

Assim como Bomfim, Bilac foi um profundo crítico do estado e de como este se mostrava inerte ante o bem-estar da sociedade. Nesta perspectiva, Bilac afirmou que o governo estava em descompasso com a sociedade e não proporcionava o verdadeiro progresso advindo de uma educação consistente e massificadora. No entanto, para Bilac, a ordem no país deveria ser tributária ao Exército, pois apenas esta instituição seria capaz de restaurá-la e mantê-la.

Mesmo Bomfim e Bilac sendo nacionalistas fervorosos, o estabelecimento do progresso do país desenvolvia-se com elementos muitas vezes antitéticos, como é o caso dos militares que, na concepção de Bilac, eram fundamentais para o restabelecimento e a manutenção da ordem, enquanto para Bomfim os militares eram justamente os responsáveis pelos malogros revolucionários, pois interferiam nos destinos políticos do país. Por

ora é necessário apenas reforçar a ideia de que a amizade entre os dois autores proporcionou excelentes resultados para a educação brasileira. Nas palavras de Ronaldo Conde Aguiar (2000, p. 269), Olavo Bilac era

mais que cronista, crítico, conferencista e memorialista, Bilac assumiu ainda o papel de veiculador de teses nacionalistas, engajando-se, com raro entusiasmo, nas campanhas pela defesa nacional e pelo serviço militar obrigatório.

Nesta citação ficam subentendidos tanto o nacionalismo quanto o apoio à participação militar na vida política. Mas, ainda assim, o que sobressaía no pensamento de Bilac era a sua defesa da nação e suas críticas ao governo instituído. Tais posicionamentos teriam aproximado sobremaneira Manoel Bomfim de Olavo Bilac, tanto que, após ler uma conferência de Bilac intitulada *Poesia no Brasil*, Bomfim defendeu o amigo afirmando que “sem ser demagogo, nem revolucionário”, o poeta “é homem de todas as grandes aspirações de sua época: é socialista, internacionalista, pacifista.” (BOMFIM. *Apud*: AGUIAR, 2000, p. 268)

É de fundamental importância para a biografia intelectual de Bomfim situarmos seu interlocutor e rival conterrâneo, Silvio Romero, que foi um grande intelectual brasileiro, crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor e político. Dentre suas obras, há uma de suma importância para a presente dissertação, que é *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim* (1906). Sua importância para a presente dissertação reside no fato de que, enquanto intelectual respeitado no meio intelectual brasileiro, Romero comprou uma briga com Manoel Bomfim, em função das ideias inovadoras deste último quanto à análise da América Latina e do Brasil. Dentre os pontos de conflito, esteve principalmente a questão da mestiçagem, tão repudiada pela intelectualidade brasileira. A mestiçagem era identificada correntemente como degeneração, ao passo que Bomfim a defendia como melhoramento, situando-a como base para a construção identitária latino-americana.

Silvio Romero rivalizava com Bomfim, questionando-o em praticamente tudo. Tanto que escreveu o referido livro de quase quatrocentas páginas apenas para desautorizar as concepções de Bomfim. Neste livro, Romero desenvolveu seu argumento partindo do pressuposto de que realmente os povos latinos eram inferiores, o que poderia ser provado não apenas em

referência à América Latina enquanto tal, mas também ao próprio Canadá que, enquanto colônia francesa, estava de mal a pior, mas, a partir do Tratado de Paris, de 1783, quando passou às mãos inglesas, ou seja, aos anglo-saxões, e transformou-se em uma colônia promissora, em vias de se tornar uma potência econômica.

Romero defendia a ideia de que há essencialmente diferenças entre as raças, sendo que a raça anglo-saxã é superior a todas. Portanto, partindo de uma influência do darwinismo social aplicado à teoria das raças inferiores, afirmava que a exploração era algo natural, pois seria a natureza manifestando sua seleção a favor dos exploradores. Dessa forma, Romero (1906, p. 41-44) defendia que,

nas sociedades animais e nas sociedades humanas, os vários modos de agremiação que receberam os nomes de castas, classes, escravidão, servidão, comensalismo, parasitismo e outros, não passam de formas diversas, ensinam os competentes, do mutualismo, da solidariedade, indispensável à existência dessas mesmas sociedades. São produções necessárias, fatais, do principio mesmo da evolução das espécies vivas... não devem, nas relações humanas tomar como parasitismo fatos que não passam, na realidade, de adaptação para outras funções diversas das nossas, fenômenos que não são mais do que uma isenção de certos trabalhos forçados em vista de outras vantagens.

Ao observar atentamente a citação acima, pode-se perceber claramente a defesa dos exploradores, dos pretensos superiores, em detrimento dos inferiores, os trabalhadores, os escravos etc.

Romero também foi contra a mestiçagem e principalmente contra a forma como Bomfim a defendia, pois, nas palavras de Romero (1906, p. 235), “Bomfim toma essas *morenices*¹³, tão queridas no Brasil, terra onde abundam os mestiços namorados de si próprios, ao sério”. Romero faz uma defesa da raça ariana, pretensamente superior. A propósito, Ronaldo Conde Aguiar (2000, p. 328) afirma que

focalizando a mestiçagem que Silvio Romero, apoiado em Gobineau e Le Bon, considerava um mecanismo de degradação racial, Bomfim não só desmontou como, sobretudo, desmascarou os argumentos que afirmavam os efeitos negativos dos cruzamentos entre as diferentes raças

¹³ Grifo do autor.

humanas. Nunca é demais recordar que, nessa época, Romero vergava-se de angústia e estresse, pois perdera - ele, um intelectual brilhante, que gastara a vida pensando o Brasil - a crença de que o país pudesse tão cedo vir a ser uma verdadeira nação, dominada, como era, por uma maioria de mestiços. “Só a imigração, povoando de brancos o sul do Brasil, e depois alastrando-se pelo Norte, poderia reverter segundo Romero, a tendência, substituindo-se o “exército de mulatos que nos governa” por brancos educados e cultos.”

Romero questionava categoricamente o futuro do Brasil a partir da participação do elemento mestiço, pois, em sua concepção, a mistura das raças teria provocado sua degeneração. Para Romero (1906, p. 262), na figura do mestiço, o

gênio criador, espírito de iniciativa, disposição para conquistar a vida por si, vencendo todas as dificuldades, atilamento para empresas ousadas e seguras, a *vis organisatrix* das grandes almas plásticas e produtivas, não lhe surgem jamais.

Darcy Ribeiro questionou Romero, afirmando que ele se apresentava como um modista, que teria repetido ideias alheias à pátria sem criticá-las. Isto pode ser aferido na seguinte fala de Ribeiro (2005, p. 15): “Idiota era Silvio, coitado, tão diligente no esforço de compreender o Brasil, mas tão habitado pelos pensadores europeus em moda que só sabia papagaiá-los”. Bomfim também bebe nas fontes europeias, no entanto o faz levando em consideração as especificidades latino-americanas¹⁴. Ribeiro, que era um admirador de Bomfim, justificava a confecção do livro *A América Latina* a partir da discussão supracitada, pois, de acordo com ele,

o fato é que Manoel Bomfim surgia com um livro sábio e profundo, pensado, trabalhado, em que demonstra cabalmente, dizendo-o com todas as letras – exemplificando com propriedade, contracitando com sábios europeus que se opunham aos teóricos do racismo tão admirados no Brasil – que nossos males não vem do povo. São, isto sim, produto da mediocridade do projeto das classes dominantes que aqui organizaram nossas sociedades em proveito próprio com o maior descaso pelo povo trabalhador, visto como uma mera fonte de energia produtiva, que ele podia desgastar como bem quisesse. (RIBEIRO, 2005, p. 15)

¹⁴ Tais fontes européias serão trabalhadas pormenorizadamente nos capítulos três e quatro da presente dissertação.

Apesar de todos os ataques e provocações feitas por Silvio Romero, Bomfim não se preocupou em revidar; ao contrário, continuou dedicando-se à interpretação do Brasil.

A bibliografia de Bomfim é vasta e contempla várias áreas do conhecimento. No entanto, aqui serão listados apenas os livros, não sendo inseridas, portanto, suas publicações em jornais e revistas, também bastante significativas. Assim, suas obras são *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* (1899), *Livro de Leitura para o Curso Complementar das Escolas Primárias* (1901), *Compêndio de Zoologia Geral* (1902), *Elementos de Zoologia e Botânica Gerais* (1904), *Das Alucinações Auditivas dos “Perseguidos”* (1904), *O Fato Psíquico* (1904), *A América Latina: males de origem* (1905), *Através do Brasil* (1910), *Obra do Germanismo* (1915), *Lições de Pedagogia: teoria e prática da educação* (1915), *Noções de Psicologia* (1917), *Primeiras Saudades* (1920), *Lições e Leituras* (1922), *Crianças e Homens* (1922), *Livro dos Mestres* (1922), *Pensar e Dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem* (1923), *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na História: deturpação dos trabalhos, degradação política* (1930), *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira* (1931) e *Cultura e Educação do Povo Brasileiro* (1932). Deixou ainda inacabadas duas obras, intituladas *Moral de Darwin* e *Plástica na Poesia Brasileira*.

De todas as obras de Bomfim, serão destacadas aqui as quatro principais, e, dentre elas uma que serve de eixo condutor ao seu discurso latino-americanista. As quatro obras são *A América Latina: males de origem*, *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*; *O Brasil na História: deturpação das tradições*; *Degradação Política* e *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*.

Dar-se-á início pela trilogia de interpretação do Brasil, pois o livro *A América Latina: males de origem* será o guia maior, a partir do qual os outros livros trarão suas contribuições a respeito do discurso identitário latino-americano defendido por Bomfim.

Em *O Brasil na América*, Bomfim trabalhou exaustivamente a diferença entre o Brasil e o restante das nações hispano-americanas, isto porque acreditava que, à parte a identidade regional latino-americana, da qual o Brasil

também faz parte, cada país tinha suas especificidades e singularidades historicamente constituídas e foi neste livro que ele buscou justamente fazer o caminho inverso ao que muitos autores optavam, qual seja, escolheu ir do macro para o micro e não do micro para o macro. Primeiramente, Bomfim pensava a América Latina em franco diálogo com a história do Brasil, mas, neste livro, afinou a discussão para vislumbrar quais as características que distinguem o Brasil do restante da Ibero-América. Nesta obra ele já buscava elementos que descortinavam a identidade nacional brasileira. Trata-se de uma história comparativa, baseada nos princípios de identidade e de diferença.

No livro *O Brasil na História*, Bomfim fez um esforço intelectual no sentido de relativizar o discurso efetivado pela historiografia oficial. Desse modo, elegeu alguns interlocutores, dentre os quais o mais conhecido era Adolf Varnhagem (1816-1878), historiador que escreveu, dentre outros, um livro intitulado *História Geral do Brasil* (1854-1857), mas que, segundo Bomfim, foi uma história a partir da lente lusitana. Neste ponto específico, Bomfim trouxe uma originalidade interessante, pois, ao contrário de muitos pensadores brasileiros que cantavam louvores aos colonizadores, ele refutava, questionava, desmascarava a história do parasitismo ibérico.

Segundo Darcy Ribeiro (2005, p. 16), Bomfim teria desenvolvido inclusive uma “lusofobia, aliás, iluminada, de tão lúcida e necessária naqueles tempos em que a tendência era – como continua sendo – a louvação do colonizador”. Bomfim assim o fez em função de que os ibéricos nunca quiseram o bem-estar das colônias, a não ser no sentido de que estas deveriam estar aptas a mandar para a península todas as riquezas que eram esperadas.

A historiografia que foi intencionalmente revisitada por Bomfim pensava a história a partir das ideologias dominantes e, nesse sentido, foi fundamental para desenvolver uma sociedade paradoxal entre dominantes e dominados. A intenção de Bomfim foi trazer à tona justamente a história dos oprimidos, das revoluções malogradas, enfim, daqueles que desde o início da colônia tinham contribuído para a identidade e a cultura nacionais.

Em seu terceiro livro, *O Brasil Nação*, Bomfim consagrou suas páginas a analisar as constantes revoluções malogradas pelo espírito conservador herdado das metrópoles e propôs, por ser um livro de maturidade, uma

revolução nacionalista popular, semelhante a que aconteceu no México no início do século XX. É neste livro que Bomfim analisou a função da Literatura e da Poesia¹⁵ como marcadores de intensidade da identidade e da cultura no Brasil.

Já o livro *A América Latina: males de origem* servirá de referencial maior para a discussão identitária, enquanto os livros acima citados complementarão as ideias desenvolvidas inicialmente no respectivo livro.

No Brasil, Bomfim esteve em contato direto com a abolição dos escravos (1888) e com a conseqüente proclamação da república (1889), dois fatos que deveriam ser considerados fundamentais para a construção da identidade nacional, nos quais se leva em consideração todos os elementos que estão inseridos na nação. No caso brasileiro, tem-se os elementos indígena e negro, que até então estavam excluídos de todos os projetos identitários pensados para o Brasil e que poderiam sair da condição de apêndices para a de protagonistas, caso lhes fosse dada tal possibilidade. Por fim, tem-se o elemento detentor do papel principal, que é o elemento branco ibero-americano.

No entanto, o que Bomfim viu e registrou principalmente em *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*, de 1931, é que a fase idealista já havia passado e havia se deparado com o total desprezo em relação à população negra e indígena e, porque não, a sua mistura – os mestiços – por parte tanto dos intelectuais quanto dos governantes brasileiros. Prova disso é que não houve, no ato da abolição, nenhum projeto político-social de integração desse novo cidadão ao seio da sociedade. O resultado, como pôde ser observado, foi que muitos preferiram permanecer numa condição servil ao seu antigo senhor, outros montaram suas comunidades no interior do país, outros foram para a cidade e, como não foram incorporados como força de produção, passaram à condição de vadios, sendo, portanto, forçados à condição de pedintes ou mesmo a promoverem furtos e assaltos, o que mergulhou a cidade em um caos social.

¹⁵ A literatura e a poesia foram fundamentais para o projeto de identidade de Manoel Bomfim, pois, segundo ele, elas seriam uma espécie de termômetro identitário para se medir o grau de satisfação e/ou insatisfação social e, a partir de então, expressar com emoção e liberdade as expectativas do povo.

Bomfim acreditava, no final do século XIX, enquanto idealista positivista, que a educação seria a saída para o atraso brasileiro, atraso este que seria consequência de um governo caracterizado pela rapinagem e pela espoliação. E isso foi detectado por Bomfim a partir de seu diagnóstico da realidade latino-americana. Seu diagnóstico parte, fundamentalmente, do conceito de *parasitismo social*¹⁶. Para ele, o Brasil, enquanto colônia, foi parasitado pela metrópole, que sugava todas as suas forças e potencialidades. Tal modelo de espoliação foi rapidamente implementado pelos novos dirigentes do Brasil no ato da sua independência. Então, os brasileiros que antes eram usurpados pela metrópole ultramarina, passaram a ser usurpados pelos governantes formados em uma cultura dita “de rapinagem e espoliação”, que Bomfim sintetizava no conceito de “brangantismo”¹⁷ que, grosso modo, poderia ser entendido como sinônimo de parasitismo social, mais especificamente brasileiro.

No entanto, passados 27 anos da publicação de sua visão idealista da educação maciça da população, em *A América Latina: males de origem*, Bomfim retomou a temática da viabilidade do Brasil enquanto Estado-Nação com identidade e cultura próprias, só que agora o discurso era menos idealista e mais realista, para não dizer pessimista, isto porque já se havia vislumbrado a deturpação das tradições por parte da elite do país ao longo dos anos referidos.

Segundo Bomfim, o Brasil teria uma tradição guerreira, ou seja, uma cultura de resistência, a qual permitiu que, ainda que estivesse na condição de um corpo parasitado, fosse gradativamente construindo sua identidade nacional. No entanto, tal tradição à qual Bomfim se referia sucumbiu diante de uma historiografia cunhada numa visão exógena, para não dizer, nas palavras de Bomfim, “encomendada”, sendo o principal responsável por tal atrocidade

¹⁶ Por parasitismo social se entende, segundo Bomfim, um organismo social, seja um país, uma instituição ou mesmo pessoas que vivem de sugar as forças de organismos supostamente mais frágeis. E “vivendo parasitariamente, uma sociedade passa a viver às custas de iniquidades e extorsões; em vez de apurar os sentimentos de moralidade, que apertam os laços de sociabilidade, ela passa a praticar uma cultura intensiva dos sentimentos egoísticos e perversos” (BOMFIM, 1905, p. 66).

¹⁷ O conceito bragantismo faz referência especificamente à tutela parasitária desenvolvida no Brasil por parte da monarquia lusitana e tem uma conotação pejorativa para identificar uma cultura ou forma de pensamento na qual há sempre a opressão de uns sobre outros, cultura esta que foi, segundo Bomfim, herdada pelos dirigentes do país, mesmo após a destituição da monarquia.

historiográfica Adolf Varnhagen. Isto pode ser percebido com maior atenção no livro *O Brasil na História*¹⁸.

Segundo José Carlos Reis (2006, p. 186), a obra de Bomfim “é uma densa revisão da história e da historiografia brasileiras. É uma teoria da história do Brasil e da América Latina”. Isso mostra a abrangência da obra de Bomfim, que consegue transitar entre o nacional (Brasil) e o regional (América Latina), trazendo contribuições tanto à interpretação quanto à proposição de um modelo de identidade latino-americana. Foi Bomfim, segundo Reis (2006, p. 22), quem “sustentou a força da civilização brasileira contra o olhar desanimador, aniquilador, de europeus e intelectuais brasileiros aculturados”. É contra estes olhares europeus, que denegriam a imagem do Brasil e da América Latina e por consequência a imagem do homem latino-americano mestiço, que Bomfim se levantou. Alguns desses intelectuais, bem como sistemas de pensamentos que detratavam a América Latina, serão tratados no próximo capítulo.

¹⁸ Este livro se apresenta como um exercício de desconstrução historiográfica, ao mesmo tempo em que é um discurso de proposição no qual os nativos e suas histórias, embora tão heterogêneas, contribuem para o fortalecimento da ideia de coesão social sob uma pátria, no caso aqui analisado, a identidade do Brasil.

2. REPRESENTAÇÕES DEPRECIATIVAS DE RAIZ EUROPEIA SOBRE A AMÉRICA LATINA: ORIGENS E REFLEXOS DAS TESES SOBRE A HIERARQUIA RACIAL E A MISTIÇAGEM

Neste capítulo serão trabalhadas algumas concepções depreciativas acerca da América Latina e do homem latino-americano mestiço com a finalidade de melhor entender contra quais argumentos Bomfim constrói seu discurso. Tais concepções são expressas através das representações europeias acerca do Novo Mundo e fundamentadas cientificamente nas afirmações das ciências naturais, principalmente a Biologia, em franca ascensão no século XIX.

Inicialmente, será explorado o pensamento de Georges-Louis Leclerc Buffon e de como seu pensamento influenciou a posteridade no que tange à interpretação depreciativa da América Latina. Num segundo momento, serão exploradas as concepções de Corneille De Pauw, com toda sua radicalidade e indisposição para com a América ou mesmo para com os americanos. Corneille De Pauw será um dos maiores responsáveis pela vulgarização das concepções depreciativas da América Latina. Por fim, serão analisadas as contribuições do darwinismo social para as representações deturpadoras da realidade latino-americana, bem como a refutação de Bomfim a tais representações.

Esta discussão foi desenvolvida com profundidade por Antonello Gerbi em seu livro *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*¹⁹. Neste livro, o autor trabalha as concepções de inferioridade da América a partir da fundamentação das teses de Buffon e de De Pauw.

Será analisado, portanto, o iniciador das concepções depreciativas acerca da América e do homem americano mestiço, o naturalista francês Buffon. Porém, é necessário ressaltar que, após o bom desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos no final do século XIX, após sua guerra civil, os norte-americanos “se apoderaram” do nome de “América” exclusivamente para seu território e, por consequência, o de “americanos” para seu povo. Em função da ascensão dos Estado Unidos, as concepções depreciativas

¹⁹ Gerbi, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

desenvolvidas por Buffon passaram a se referir basicamente à América Latina, que não havia alcançado tal desenvolvimento, e seu representante, o elemento mestiço.

2.1 Georges- Louis Leclerc Buffon

Georges-Louis Leclerc Buffon (1707-1788) foi um naturalista francês que, em meados do século XVIII, desenvolveu uma tese sobre a inferioridade, a debilidade ou mesmo a imaturidade das Américas. Sobre o homem indígena, habitante primeiro das Américas, Buffon afirmou que “a natureza, ao recusar-lhe as potências do amor, maltratou-o e apequenou-o mais que a qualquer um dos animais.” (*Apud*: GERBI, 1996, p. 21)

Esta teoria teria sido assimilada por parte dos intelectuais e líderes políticos europeus e lhes possibilitado questionar a viabilidade da América Latina como um conjunto de nações autônomas. No entanto, para condenarem os nativos e os americanos como um todo (visto que são resultado de um hibridismo racial e cultural que, com exceção da Península Ibérica, não tinha precedentes na história), necessitavam de uma teoria de caráter científico para legitimá-la. Não se pode esquecer que Buffon foi do século das luzes, no qual as ciências floresciam, entre elas, as ciências naturais se desenvolviam com maior intensidade e prestígio.

Convém ressaltar, no entanto, que antes da teoria pseudocientífica de Buffon, o preconceito depreciativo em relação ao homem americano era algo corrente na Europa. Tal preconceito era alimentado muitas vezes pelas narrativas de viajantes imbuídos de um imaginário formado de longa data, no qual se definiam as realidades não por elas mesmas, mas sim pela pertença imaginária na qual foram concebidas historicamente.

Dessa forma, o que se tem na verdade acerca da América Latina são representações a partir de postulados eurocêntricos, os quais não viam nenhuma possibilidade de florescer uma grande civilização nos trópicos; pelo contrário, o que havia aqui, na verdade, era o contrário de civilização, ou seja, representava a barbárie.

Segundo Buffon (*Apud*: GERBI, 1996, p. 21),

O selvagem é débil e pequeno nos órgãos de reprodução; não tem pêlos nem barba, nem qualquer ardor por sua fêmea: embora mais ligeiro que o europeu, pois possui o hábito de correr, é muito menos forte de corpo; é igualmente bem menos sensível e, no entanto, mais crédulo e covarde; não demonstra qualquer vivacidade, qualquer atividade d'alma. .

Percebe-se que a força física era um atributo dos europeus, considerados como uma espécie mais perfeita do que as outras no quadro evolutivo. Esta forma de representar o mundo foi intitulada de “a degeneração dos animais” e foi a teoria utilizada para legitimar a dominação do forte (concebido como o europeu) sobre o fraco (representação do homem latino-americano).

Não se pode retirar de Buffon o mérito ter sido um dos primeiros naturalistas a catalogar e sistematizar o conhecimento acerca dos animais no Velho e no Novo Mundo a partir de comparações empíricas. O próprio Darwin posteriormente reconheceu seu valor; no entanto, reconheceu também os equívocos existentes em sua teoria, como se reconhece no comentário a seguir.

O primeiro autor que nos tempos modernos tratou disso [espécies] com um espírito científico foi Buffon. Mas [...] sua opinião flutuava muito em diferentes momentos e [...] ele não entra nas causas ou meios da transformação das espécies. (DARWIN. *Apud*: GERBI, 1996, p. 42)

O que está em questão não é o mérito de se ter levado a cabo uma pesquisa dessa envergadura, mas sim os pressupostos dos quais parte Buffon e as fragilidades de sua teoria. Tal teoria serviu de fundamentação epistemológica a vários movimentos no século XIX, os quais, em sua grande maioria, denegriam a imagem da América Latina, bem como do homem latino-americano. Faz-se necessário reafirmar que foram as fragilidades de sua teoria que possibilitaram várias de suas utilizações para propósitos escusos, como, por exemplo, legitimar o domínio do Velho sobre o Novo Mundo e do europeu sobre o latino-americano.

Na obra *A América Latina: males de origem*, conquanto não se vislumbre, num primeiro contato, referência direta a Buffon, percebe-se, em contrapartida, as consequências do discurso buffoniano nas teorias racialistas do século XIX combatidas por Bomfim em sua obra.

A afirmação supracitada pode ser verificada a partir da identificação entre as teses de Buffon e a concepção de Hegel acerca dos latino-americanos, isto porque Hegel não se detinha em problematizar a realidade do homem americano, por concordar com Buffon que os homens do Novo Mundo eram seres imaturos e apequenados intelectualmente. Dessa forma, ambos concordavam que o homem americano era jovem, imperfeito e incapaz, de desenvolver-se social e culturalmente. Na verdade, Buffon afirmava que o homem americano encontrava-se pior ainda que os outros animais devido à sua frigidez.

Segundo Bomfim, que sai em defesa dos americanos, a incapacidade de desenvolvimento latino-americano naquele momento manifestava-se a partir de condições sócio-históricas impostas pelas metrópoles sobre as colônias (o que Bomfim chamou de Parasitismo Social) e não por uma degeneração biológica. Pelo contrário, nas palavras de Bomfim, em nível de potencialidade, o latino-americano estava em vantagem comparativa, pois conjugava em si as melhores características das três raças.

O que faltava, na verdade, para que a potencialidade da América Latina se transformasse em realidade histórica eram justamente as condições favoráveis. Nessa perspectiva, a instrução era considerada por Bomfim uma das principais condições a serem desenvolvidas para permitir e incentivar a consciência livre e libertadora, pois, para ele, era a instrução que alimentava a vontade. A vontade, em sua concepção, era

o ato do espírito pelo qual o homem examina, escolhe, delibera e decide, em vista das condições e situações novas que a vida lhe oferece, no seu transformar contínuo; é a faculdade de achar o caminho para avançar, e de atender aos imprevistos que se ofereçam na derrota para o futuro. (BOMFIM, 1905, p. 337)

Se o discurso europeu, a partir desse momento, embasado nas teses naturalistas, visava à expansão geográfica e econômica, tal discurso precisava representar a América Latina e o latino-americano de tal forma que, para o europeu, a reconquista e a manutenção da América Latina sob sua tutela seria a única saída para a situação de barbárie na qual teoricamente se encontrava.

No entanto, Bomfim lançou por terra tal representação latino-americana, argumentando que ela fora cunhada de forma abstrata, sem um contato efetivo com o objeto da representação, sendo, portanto, ilegítima. Ao mesmo tempo, Bomfim se propôs a mostrar a verdade dos fatos latino-americanos, pois, ao contrário dos teóricos europeus, conhecia bem a realidade sócio-cultural na qual estava inserido. E por isso defende a América Latina, representando-a discursivamente.

Não é gratuitamente que alguns teóricos latino-americanos como, por exemplo, o argentino Domingos Faustino Sarmiento²⁰, formados numa mentalidade heteronômica, reconheceram a condição de barbárie latino-americana e se propuseram a indicar o caminho da civilização, qual seja, eliminar todo e qualquer vestígio de barbárie no país e, por extensão, na América Latina. Dessa forma, tal fundamentação teórica permitiu que se empreendesse as maiores atrocidades no intuito de marginalizar e explorar do indígena e o negro do seio da sociedade.

A literatura, inspirando-se numa mentalidade agressiva, que, para caracterizar-se necessita caracterizar o outro (por isso toda identidade pressupõe diferença, diferença em relação a outrem), forjou narrativas exemplares, no sentido de difundir tal pretensa identidade e superioridade distintiva. Nesta perspectiva, a Europa considerava-se possuidora de uma identidade, enquanto os outros eram simplesmente os outros, os exóticos, os distintos, em suma, os incapazes de, por si só, desenvolverem-se sócio-culturalmente em comparação à Europa.

É contra tais perspectivas que Manoel Bomfim se revolta. No exato momento em que se encontrava na Europa, especificamente em Paris, em seus estudos de Psicologia, no ano de 1903, sensibilizou-se com tamanha indisposição dos europeus para com o homem latino-americano e, fundamentado em outros teóricos das ciências naturais, refutou tais teses depreciativas. A análise europeia se firmava sobre no etnocentrismo e não no conhecimento dos fatos que se passavam aqui. Segundo Bomfim, o verdadeiro

²⁰ Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) foi educador, escritor e presidente argentino, fruto do momento histórico de emancipação e conseqüente afirmação das antigas colônias ibero-americanas durante o século XIX. Sua obra, apesar de referir-se à realidade Argentina, representa o discurso de americanistas identificados com projetos construídos a partir da noção de superioridade dos anglo-saxões e, por conseqüência, era favorável à tese de inferioridade do mestiço.

interesse por trás de tais argumentos era o de apropriar-se das riquezas que tão abundantemente existiam na América Latina e que não podiam ser extorquidas, se não de forma legitimada. Foi isso que Buffon fez ao afirmar que “a dimensão do corpo, que parece ser apenas uma grandeza relativa, possui, entretanto, atributos positivos e direitos reais no ordenamento da natureza: o grande é tão fixo quanto o pequeno é variável” (BUFFON. *Apud*: GERBI, 1996, p. 29). Em suma, o grande é superior ao pequeno, o fixo é superior ao mutável e isto legitima a dominação do forte sobre o fraco.

Para concluir o pensamento de Buffon, veja-se o que Antonello Gerbi escreveu sobre sua visão da América:

Julgar a fauna americana imatura ou degenerada equivalia a proclamar a do Velho Mundo madura, perfeita, idônea, capaz de servir de cânone e ponto de referência a qualquer outra fauna de outro recanto do globo. Com Buffon, o eurocentrismo se afirma na nova ciência da natureza viva. (GERBI, 1996, p. 41)

Alguns intelectuais partiram para a generalização e aplicaram a assertiva da imaturidade da fauna e na flora a qualquer coisa que estivesse na América, inclusive os homens, pois se estes já eram apequenados, com a miscigenação, seriam menos que animais. Portanto, só restava uma saída redentora, qual seja, a neo-colonização europeia.

Bomfim, em sua obra, se propôs a desmascarar o discurso pseudocientífico e a ideologia que lhe conferia o motor propulsor. E conseguiu fazê-lo a partir de um viés contra-discursivo, que foi ao mesmo tempo um discurso de resistência.

Se Buffon foi quem inaugurou as interpretações depreciativas da realidade latino-americana, baseadas na ciência do momento, a biologia, De Pauw foi o maior vulgarizador de tais ideias.

2.2 Corneille De Pauw

Corneille De Pauw (1739-1799) foi também um naturalista francês contemporâneo de Buffon, no entanto, suas teses depreciativas acerca do Novo Mundo são expressivamente mais radicais, o que favoreceu ainda mais a

construção de estereótipos sobre o americano. Em sua obra de 1768, intitulada *Recherches Philosophiques sur les americains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'histoire de l'especie humaine*, De Pauw afirmou que os selvagens americanos “odeiam as leis da sociedade e os obstáculos da educação...E sem tal cultura eles não são nada.” (DE PAUW. *Apud*: GERBI, 1996, p. 56-57)

A figura de De Pauw se apresenta muito mais hostil ao homem americano do que fora Buffon. Seu argumento, em tom quase jornalístico, alcança o ápice da detração aos americanos. Isto pode ser aferido paradoxalmente na reação quase que simultânea à publicação de sua tese, tanto na Europa quanto na América. Tais reações em grande parte foram de humanistas influenciados pelo pensamento de Rousseau, que concebiam o homem americano original como o bom selvagem.

Segundo De Pauw, o homem americano não era imaturo, como observou Buffon, mas sim verdadeiramente degenerado, no sentido mais profundo do termo. Nesta concepção, Buffon teria sido condescendente com o ser americano, ao passo que na concepção de De Pauw (*Apud*: GERBI, 1996, p. 57)

o americano nem sequer chega a ser um animal imaturo, não é um criança, é um degenerado. A natureza do hemisfério ocidental é imperfeita: é decaída e decadente.

Para o mestiço, a condenação é ainda mais perniciosa, pois, segundo De Pauw (*Apud*: GERBI, 1996, p. 96), os mestiços “são uma espécie de homens que possuem somente os vícios das nações cuja mescla representam.”

Num período em que se aventavam discursos sobre o bom selvagem, De Pauw contrasta com todos e coloca o selvagem americano em total barbárie e maldade instintiva. Sua ousadia chega ao ponto de afirmar que os homens americanos

estão pior ainda que os animais. São tão débeis que ‘o menos vigoroso dos europeus sem esforço os deitaria por terra numa luta’; possuem menos sensibilidade, menos humanidade, menos gosto e menos instinto, menos coração e menos inteligência, numa palavra, menos tudo. São bebês raquíticos, irreparavelmente indolentes e incapazes de qualquer progresso mental. (DE PAUW. *Apud*: GUERBI, 1996, p. 58)

Como foi dito anteriormente, a deturpação do homem, assim como do continente americano, tinha como pano de fundo, no século XIX, o interesse europeu em suas terras e em subjugar-las novamente, num movimento neocolonizador. Tal interesse fez com que se chegasse à conclusão, segundo Gerbi (1996, p. 74), de que

A debilidade ou inferioridade do continente possui, portanto, uma de suas primeiras raízes nas especulações legais e nos sofismas dos defensores de um direito natural de domínio dos forasteiros europeus sobre os aborígenes das Novas Índias. É uma tentativa de sobrepujar a liberdade dos nativos com pretensas leis geográficas, a cândida realidade com citações e silogismos. É um simulacro de má ciência natural, para aprisionar a liberdade virgem daquele mundo inesperado na mordalha histórica da política e da autoridade.

No entanto, o pensamento de De Pauw era um tanto quanto paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que legitimava a superioridade do europeu em comparação ao homem latino-americano, questionava a dominação truculenta que aqueles faziam, inclusive prevendo possibilidades para o homem americano, como se percebe na seguinte afirmação: “Eles [os americanos] desejam fugir à tutela e, quando o quiserem, seguramente terão os meios de fazê-lo e de afirmar sua liberdade.” (DE PAUW. *Apud*: GERBI, 1996, p. 64)

É possível vislumbrar como seus argumentos serviram para alimentar a mentalidade europeia pela via da detração. Ainda hoje, no século XXI, algumas das imagens que vêm à mente do europeu no que se refere à América Latina estão em maior ou menor grau permeadas pela visão pejorativa de De Pauw. Tal visão passou a se tornar consenso entre boa parte dos europeus, sempre trazida à tona no exato momento em que são perguntados sobre o que é a América Latina, mesmo que tal depreciação não seja intencional.

Segundo Bomfim, a visão pejorativa acerca da América Latina servia como motor propulsor legitimador da possibilidade de invasão da América Latina pela Europa. De acordo com Bomfim, seria fundamental que a Europa se ocupasse de conhecer efetivamente a vida das sociedades latino-americanas, pois seria

bom para ela, para a humanidade e vantagem para nós em particular. Para os países da América do Sul, isto representa,

quase, uma questão de vida ou morte. Em primeiro lugar, porque esse juízo universal, condenatório, a nosso respeito se reflete de um modo perniciosíssimo sobre nós mesmos. Somos a criança a quem se repete continuamente: 'não prestas para nada; nunca serás nada...' e que acabará aceitando esta opinião, conformando-se com ela, desmoralizando-se perdendo todos os estímulos...A menos que a Europa não se converta a sentimentos de uma relativa equidade, e que as nações civilizadas não resolvam dirigir os seus atos segundo os princípios de justiça e solidariedade humana, que os homens individualmente aceitam – a menos que um tal milagre não se faça, a América do Sul, as populações latino-americanas, terão sorte igual à da Índia, Indochina, África, Filipinas, etc. (BOMFIM, 1905. p. 47-48)

Mas tal visão não se apresentava de forma tão simples assim, pois, além da causa efetiva, interesseira, como a supracitada, há também uma causa intelectual, que se processa pela total ignorância da realidade sócio-política e mesmo econômica latino-americana tanto no passado mais remoto, quanto em sua época (início do século XX). E é essa total ignorância da realidade histórico-social latino-americana que Bomfim utilizou como arma de defesa, pois mostrava as fragilidades dos argumentos pseudocientíficos.

Se as teses de Buffon e de De Pauw serviram para legitimar o discurso imperialista europeu, Hegel se serviu das ideias precedentes e intensificou seu discurso desfavorável em relação ao novo continente.

2.3 Hegel e a Imaturidade da América

Hegel seguiu a mesma linha dos teóricos do século XVIII supracitados e condenou a uma posição subalterna o continente americano e seus habitantes, frente ao velho continente. Para Hegel, o homem americano era semelhante a um animal, uma besta, pois ainda não havia desenvolvido a razão e tudo o que continha era sentimento, mas,

se é todo e apenas sentimento, não se distingue mais da besta. Caso toda a sua religião devesse ser reduzida ao sentimento, mais precisamente a sentimento de sua dependência de um Poder Superior, o melhor cristão seria um cão. (HEGEL. *Apud*: GERBI, 1996, p. 327)

Para o elemento natural das Américas, o indígena, não era reservada nem mesmo uma definição de raça, pois não se encaixava nas características das

raças conhecidas nos velhos continentes, Europa, Ásia e África. Segundo Hegel, uma das justificativas para essa relativização era que “até a cor da pele é incerta: brancos, negros e amarelos, sabe-se o que sejam; mas a epiderme dos americanos é acobreada” e indefinida (HEGEL. *Apud*: GERBI, 1996, p. 327). Ora, um ser humano em que nem mesmo a cor da pele se podia mensurar com precisão, segundo Hegel, não podia ser colocado em igualdade com os seres humanos do Mundo Antigo. Nas palavras de Hegel, que confirmam o total desprezo pelo Novo Mundo, com tudo o que nele há, as civilizações americanas, que são rudimentares, “deviam necessariamente desaparecer com a chegada da incomparável civilização europeia (...), pois caberá aos europeus fazer florir uma nova civilização nas terras conquistadas” (HEGEL. *Apud*: GERBI, 1996, p. 327, 328)

Diante do total desprezo pelos nativos americanos, Hegel se via numa complicada situação para analisar e emitir seu juízo sobre a participação dos Estados Unidos nesta América imatura. Mesmo para os Estados Unidos do século XIX, a análise de Hegel não foi uma das mais favoráveis, apesar dos primeiros passos em direção à civilização. Segundo Gerbi (1996), Hegel considerava os Estados Unidos ainda imaturos, não tanto quanto as demais nações americanas, mas ainda assim imaturos, pois suas estruturas políticas ainda estavam em fase de consolidação, bem como seu Estado-Nação. Considerava ainda que houvesse diversos espaços a serem preenchidos no interior do seu território, o que demandaria uma colonização maciça do oeste. Os Estados Unidos somente teriam iniciado sua marcha rumo à civilização porque teriam recebido uma grande quantidade de europeus, que contribuíram com suas energias ao projeto de criar, no meio do nada, uma nação.

Para reforçar seus argumentos da inferioridade da América e do homem americano, Hegel começou a formular a hipótese de que os habitantes do norte, que se consolidaram a partir da matriz europeia, eram superiores, bem como o clima e a geografia também eram mais propícios para o desenvolvimento de uma civilização à imagem e semelhança da europeia. Ao sul do continente ficava de novo, ao qual era reservada toda a espécie de detração e questionamentos. Desde a geografia até a história, tudo servia para Hegel como elementos basilares de sua argumentação de que a América e os americanos são bárbaros e incivilizáveis. Mas agora, o argumento detrator se

dirigia à América do Sul. A antiga contradição entre Velho e Novo Mundo passa, num segundo momento da fala de Hegel, a uma contradição entre o norte e o sul do continente americano, sendo que o norte, em função de uma maior proximidade sócio-cultural com o Velho Mundo, estava em um estágio de barbárie menor do que os do sul da América. Em suas palavras,

em toda a América do Sul, exceto no Brasil, surgiram repúblicas; todavia, se as confrontarmos com a América do Norte, encontraremos uma 'antítese surpreendente'. No Norte, ordem e liberdade; no Sul, anarquia e militarismo. No Norte, a Reforma; no Sul, o Catolicismo. O norte foi 'colonizado'; o Sul, 'conquistado'. (HEGEL. *Apud*: GERBI, 1996, p. 331)

Conforme a citação, Hegel transfere sua visão entre Velho e Novo Mundo para uma América polarizada entre o norte, mais parecido como o velho continente e o sul, símbolo do novo continente bárbaro. Dessa forma, a América do Norte era contemplada como sendo de "confiança nos protestantes industriais, fieis e liberais" ao passo que a América do Sul era vista como símbolo de "violenta desconfiança nos católicos, briguentos e prepotentes" (HEGEL: *Apud*: GERBI, 1996, p. 332). A partir de tal definição dada por Hegel, para os latino-americanos só restava a subserviência à civilização europeia ou mesmo aos anglo-saxões do norte.

As teses de Hegel também fizeram parte dos antecedentes depreciativos da América Latina contra os quais Manoel Bomfim se posicionou de forma contundente. Mas ainda resta analisar as contribuições do darwinismo social para a depreciação da América Latina e como essas teses foram assimiladas pela intelectualidade latino-americana, principalmente brasileira.

2.4 Darwinismo Social

A teoria da seleção natural, de Charles Darwin, foi uma tentativa de explicar a diversidade de espécies de seres vivos através da evolução e da seleção natural. A partir destas concepções, diversos cientistas defenderam a tese das diferenças raciais entre os seres humanos.

O discurso eurocêntrico, além de imperialista, era também racista, o que justifica o constante ataque de Bomfim a tais argumentos, pois, além de latino-

americano, o homem central do discurso (ou contra-discurso) de Bomfim era o homem mestiço, típico representante da América Latina.

Os argumentos do darwinismo social partem do pressuposto de que, no desenvolvimento das espécies, as mais aptas sobreviveram, mas isto através da dominação e da morte dos mais fracos ou menos aptos. Tal pressuposto justificaria a dominação dos fortes sobre os fracos. No entanto, Bomfim invalidou tal discurso, identificando-o como reacionário e anti-científico, uma vez que defendia equivocadamente a inferioridade definitiva das raças no lugar das alternativas históricas de cada povo.

Os argumentos utilizados pelos pensadores europeus e estadunidenses que comungavam essa tese desenvolveram-se, como apresentado por Bomfim, da seguinte maneira: em primeiro lugar, “os indígenas e negros têm sido exterminados, eliminados pelos brancos, o que prova serem eles inferiores”; em segundo lugar, “estes povos são, geralmente, muitíssimo mais atrasados que os brancos. São todos ainda selvagens ou bárbaros, e este atraso geral tem como causa, certamente, uma inferioridade étnica essencial” (BOMFIM, 1905, p. 273-274). Tais fatos por si só justificariam a dominação estrangeira sobre a América Latina. No entanto, para se legitimarem, citam Darwin como se este pensador compartilhasse dos mesmos objetivos e postulados.

Porém, se for observada atentamente a reação de Darwin, ver-se-á que, ao contrário de confirmar os argumentos do darwinismo social, ele, na verdade, os questionou, e o fato de tê-los questionado mostra que suas teses foram apropriadas e deturpadas pela teoria do progresso ou do darwinismo social, como é mais comumente conhecida.

Dentre os vulgarizadores desse movimento, tem-se como principais representantes Gobineau e Le Bon. Arthur de Gobineau (1816-1882), francês, diplomata, escritor, etologista e filósofo, foi um grande defensor da superioridade da raça branca e sua teoria do determinismo racial teve uma grande influência tanto na Europa quanto nas Américas, a partir de sua principal obra, intitulada *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855). Gobineau esteve no Brasil no ano de 1869 como diplomata a serviço de Napoleão III, permanecendo aqui apenas um ano. Neste período, fez amizade com Dom Pedro II, por quem tinha apreço e continuou esta amizade por cartas

após sua partida. No entanto, se por um lado Gobineau tinha apreço pelo imperador, o mesmo não poderia ser afirmado de sua nação, que, para Gobineau, era a maior representatividade de degeneração que se poderia observar. Gobineau era um defensor árduo da superioridade branca e afirmava que a miscigenação levava o ser humano à degeneração contínua até o ponto da barbárie absoluta. Foi atribuída a ele a frase “eu não acredito que viemos do macaco, mas creio que estamos indo nesta direção”. Isto se dizia por causa da miscigenação. Segundo Gobineau, a raça ariana era superior às outras, sendo os fieis representantes desta raça os alemães, enquanto as sociedades constituídas por negros ou amarelos seriam incivilizadas. Quanto à miscigenação, gradativamente caminhavam no sentido da imoralidade e da corrupção.

Já Gustave Le Bon (1841-1933), psicólogo social, sociólogo e físico amador francês, um dos interlocutores pressupostos na obra de Bomfim. Gustave Le Bon foi autor de várias obras nas quais expos teorias de características nacionais, superioridade racial, comportamento de manada e psicologia de massas. Era adepto da chamada Psicologia Social, que entendia a atividade do indivíduo como condicionada pelo grupo social a que pertencia. Gustav Le Bon alterou a definição de *espécie* para *raça*, e com isto influenciou toda uma geração de pensadores, inclusive no Brasil.

A grande característica do darwinismo social era que, “partindo da teoria de Darwin, mas na verdade subvertendo-a, esses pensadores afirmavam que o resultado de um casamento híbrido era sempre degenerado ou mais fraco. Pior ainda, carregava os defeitos (e não as qualidades) de cada um dos seus ancestrais”. (SCHWARCZ, 1993, p. 61)

De acordo com esse argumento, a miscigenação seria o que de pior poderia ocorrer no seio de uma sociedade, pois, se para as raças inferiores (o negro e o amarelo) já não havia saída por serem ontologicamente inferiores aos brancos e incapazes de civilização, a situação mestiça de sub-raça era algo ainda pior e execrável.

É a partir desse prisma que Le Bon condena as sociedades latino-americanas, afirmando que

todas elas, sem uma exceção, chegaram a este estado em que a decadência se manifesta pela mais completa anarquia, e em que os povos só têm a ganhar em ser conquistados por

uma nação bastante forte para dirigi-los. (LE BON *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 344)

A condenação supracitada, para Le Bon, é um conselho a ser seguido pelos povos civilizados, para uma possível recolonização, como se percebe na afirmação: “sujeitam-nos a um regime de ferro, único em que são dignos estes povos, desprovidos de virilidade, de moralidade e incapazes de se governar.” (LE BON. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 344)

Bomfim questiona as afirmações de Le Bon, afirmando serem elas parte de uma filosofia de péssima qualidade que, a partir de 1870, vinha tentando fazer escola na França. Dessa forma, Bomfim afirma que, para Le Bon e seus adeptos, a teoria do progresso ou darwinismo social se resumia de forma grotesca em que

a força é o instrumento único; a riqueza é o sucesso; o fim, a consagração; nem tréguas aos fracos, nem esperança para os infelizes...é em nome desses princípios que eles passeando os olhos pelos povos, dão a palma da excelência aos alemães e anglo-saxões, principalmente a estes últimos, que, além de mais fortes são os mais ricos. Obcecados pela inveja, fascinados pela grandeza dos Estados Unidos e da Inglaterra, eles não compreendem que “progredir” possa ser outra coisa se não adquirir uma situação comparável a desses países. (BOMFIM, 1905, p. 347)

Contra tudo isso Bomfim cita o discurso de um homem latino-americano que ganha a vida através de seu livro, no qual afirma: “porque a Inglaterra está farta e rica, não vamos nós latinos condenar o nosso gênio e curvar a cabeça, aceitando como ideal de progresso a utilidade prática!” (BOMFIM, 1905, p.347)

Isso mostra que não há resignação por parte dos latino-americanos, mas sim resistência, resistência esta que, nesse momento, se dá também e principalmente pelo discurso, no sentido de que na contra-argumentação, a resistência latino-americana ganha visibilidade e legitimidade constituindo-se, assim, como uma representação afirmadora de identidade.

Outro autor europeu que escreveu na mesma linha de Gobineau e Le Bon foi o português Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), sociólogo e historiador, tendo escrito uma obra de grande repercussão intitulada *O Brasil e as Colônias Portuguesas* (1880). Neste livro e em todo o seu pensamento, Oliveira Martins defendeu a ideia da superioridade da raça branca, bem como a

inferioridade das raças negra e indígena, bem como dos mestiços, estes considerados ícones da degenerescência humana.

Uma de suas posições foi a de que o negro deveria ser escravizado e eliminado, e não haveria crueldade nenhuma neste processo, pois tudo isto faria parte de um sistema de seleção natural, no qual o elemento fraco é vencido pelo forte. Através de suas palavras, “os processos com que as raças superiores escravizaram ou exterminaram sempre as inferiores (...) essa lei que na sociologia produz pela seleção, os tipos superiores” (OLIVEIRA MARTINS. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 279), percebe-se invariavelmente a vitória do mais forte e, conseqüentemente, a inferiorização do perdedor. Para Oliveira Martins, o extermínio do indígena e do negro fazia parte da marcha do progresso, no qual apenas os aptos permanecem. Para elucidar tal assertiva, Oliveira Martins afirmou que “é legítimo que o branco escravize e extermine o negro, porque é assim que as coisas se passam na natureza” (OLIVEIRA MARTINS. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 280). Este autor é o grande interlocutor com o qual Bomfim dialoga em seu livro, refutando suas teses.

Este debate teve repercussões no Brasil, o que pode ser percebido no que tange ao debate sobre a miscigenação que engendrou a intelectualidade brasileira no final do século XIX e início do século XX. Alguns dos pensadores brasileiros que sofreram influência dos teóricos do racismo europeu são Nina Rodrigues (1862-1906), Joaquim Nabuco (1849-1910) e mesmo Silvio Romero (1851-1914). Cada qual à sua maneira, todos contribuíram para o caloroso debate em que se encontrava Manoel Bomfim, qual seja, a viabilidade da nação brasileira a partir de seu elemento mestiço.

Segundo Roberto Ventura (2000, p.331), intelectuais, políticos e cientistas brasileiros “repensaram a identidade cultural e política do Brasil em meio às transformações que levaram à extinção da escravidão em 13 de maio de 1888 e à implantação do regime republicano em 15 de novembro de 1889”. Isto proporcionou um amplo debate, pois significava pensar a viabilidade da nação brasileira à luz das novas teses racistas europeias, tendo como campo de análise o Brasil, um país constituído por indígenas, negros, brancos e uma grande maioria de mestiços.

Foi neste contexto e influenciados pela teoria do progresso que alguns escritores brasileiros lutaram para a abolição da escravidão, não incluindo

nesta luta necessariamente a participação social do negro. É o caso de Joaquim Nabuco, autor de *O Abolicionismo* (1883), que defendia a ideia de uma democratização da sociedade, com a eliminação da escravidão, mas tudo isto sem a participação direta das massas ou mesmo dos negros, que eram os principais elementos das manifestações. Em sua concepção, os destinos do país deveriam ser decididos por meio de um debate entre pessoas esclarecidas.

Outro autor de grande envergadura neste contexto foi Silvio Romero, que escrevia sobre a funcionalidade da nação brasileira sob o influxo da mestiçagem. Seus escritos, no entanto, sofriam influência direta das teses racistas europeias. Em sua concepção, “o servilismo do negro, a preguiça do índio e o gênio autoritário e tacanho do português produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originais” (ROMERO. *Apud*: VENTURA, 2000, p. 344). O resultado inevitável para uma nação que incorporasse tais raças tão dispares seria a total degeneração.

Surgem também, neste momento, os escritos de Nina Rodrigues que, enquanto médico, desenvolveu uma série de mecanismos para definir uma propensão do indivíduo ao crime e à degeneração. De acordo com Roberto Ventura, as pesquisas de Nina Rodrigues apontavam que “a loucura, a criminalidade e a degeneração poderiam ser previstas e entendidas a partir dos cruzamentos raciais, que produziram uma população fraca e doente” (VENTURA, 2000, p. 346). Para Nina Rodrigues, todos que não fossem brancos estariam em condição de ameaça à ordem liberal-republicana, pelo simples fato de a degeneração racial a partir da mestiçagem impossibilitar algum tipo de progresso.

A partir das teses de superioridade racial, Nina Rodrigues empenhou-se em provar que tanto os negros quanto os mestiços eram elementos contrários à civilização e ao progresso, pois se encontravam em etapas atrasadas no processo evolutivo. Analisando o que Nina Rodrigues afirma sobre o negro e o mestiço, Roberto Ventura afirma que, naquele momento, de acordo com o discurso dos intelectuais brasileiros, o negro

não havia ultrapassado o estágio infantil da humanidade, tenderia não só à loucura e à paranóia, como também ao crime devido à sobrevivência psíquica de caracteres

retrógrados. O mestiço também apresentaria alto grau de criminalidade em razão da degeneração resultante do cruzamento de raças díspares. (VENTURA, 2000, p. 347)

A nação brasileira pensada a partir de tais concepções dificilmente seria incorporada à civilização, e pensar a identidade e a cultura brasileiras com elementos tão díspares seria quase impensável. No entanto, o pensamento de Nina Rodrigues é fruto de um período em que as ideias racistas caíam como grandes chuvas torrenciais e eram absorvidas pela grande maioria dos intelectuais e políticos brasileiros.

Há ainda a presença neste debate de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões* (1902), que em seu interesse em retratar o homem do sertão transpõe para as páginas de seu livro um pouco de sua visão acerca do mestiço. Para ele, haveria uma dupla miscigenação no Brasil, uma sertaneja e outra litorânea. Sua perspectiva, segundo Roberto Ventura, pode ser averiguada na seguinte assertiva acerca do caráter de Antonio Conselheiro, chefe da resistência de Canudos:

o Conselheiro teria sido capaz de sintetizar as superstições das populações sertanejas, que reviveram as tendências impulsivas das raças inferiores, condensadas no seu “misticismo feroz e extravagante”. (VENTURA, 2000, p.349)

Tal citação indica como, de forma menos feroz, mas nem por isso menos contundente, Euclides da Cunha interpretava e escrevia sobre os mestiços e sua degeneração, uma vez que havia incorporado em seu discurso a ideia presente na teoria das raças superiores de que os brancos eram inegavelmente superiores aos indígenas e principalmente aos negros.

Foi contra tais discursos e com perspectivas distintas que Bomfim analisou a história da América Latina e do Brasil. A análise empreendida por Bomfim visava a identificar no passado histórico latino-americano real a raiz do atraso, que, no entanto, não estaria ligada às raças, muito menos ao cruzamento dessas raças, mas sim às alternativas históricas resultantes do parasitismo social. O parasitismo social é justamente a ferramenta de análise do passado latino-americano, bem como a chave para a compreensão do projeto identitário de Bomfim, como será visto a seguir.

3 O “PARASITISMO SOCIAL” DE MANOEL BOMFIM: OS MALES DA AMÉRICA LATINA ORIGINÁRIOS DE UM “PASSADO FUNESTO”

Neste capítulo será desenvolvido com mais dinâmica e profundidade um elemento fundamental do pensamento de Bomfim, sem o qual não seria possível a correta interpretação de seu projeto identitário, qual seja, o conceito de “parasitismo social”. Bomfim em momento algum forneceu explicitamente uma definição para o conceito de “parasitismo social”, no entanto, a partir de seus exemplos e comparações com organismos biológicos, fica claro do que se trata. Isto pôde ser evidenciado quando Bomfim analisou um animal marinho chamado *Chondracanthus gibbosus*, que é complexo na condição de larva, mas que passa a ser extremamente simples na condição de adulto, no entanto, detém colchetes poderosos com os quais se agarra ao animal que será parasitado. O que fez este animal simplificar-se ao invés de complexificar-se? Segundo Bomfim, isto se deve à degeneração que se deu a partir da não necessidade de utilização de todos os órgãos. Nas palavras de Bomfim,

fixado ao animal que o nutre, o *Chondracanthus* resume toda a atividade vital em sugar a seiva nutritiva, que ele já encontra elaborada, pronta a ser assimilada e apropriada para a nutrição íntima dos tecidos, e em reproduzir-se. É nessas condições que o animal adulto se apresenta: parasita, rudimentar e “inferior” – a ponto de ser considerado um verme. (BOMFIM, 1905, p. 62)

Tal citação mostra o que é o parasitismo e quais as suas consequências para o parasita, pois é uma ação que produz dois efeitos distintos: ao mesmo tempo em que o parasita suga tudo o que necessita para sua sobrevivência, sem o mínimo de esforço, do corpo parasitado, em contrapartida involui, decai, degenera, pois não utiliza outros órgãos além dos que são necessários para garantir a perpetuação do parasitismo. Segundo o autor de *A América Latina*, as consequências são as mesmas para os organismos sociais, pois,

vivendo parasitariamente, uma sociedade passa a viver às custas de iniquidades e extorsões; em vez de apurar os sentimentos de moralidade, que apertam os laços de sociabilidade, ela passa a praticar uma cultura intensiva dos sentimentos egoísticos e perversos... demais, o simples

exame do fato em si é bastante para mostrar que um grupo, um organismo social, vivendo parasitariamente sobre outro, há de fatalmente degenerar, decair, degradar-se, involuir, em suma. (BOMFIM, 1905, pp.66,67)

Portanto, o parasitismo social carrega em si a ideia de exploração de um indivíduo ou sociedade sobre outrem, a ponto de adoecer o parasitado e degenerar o parasita. Este foi um conceito-chave que possibilitou toda a construção interpretativa de Bomfim, bem como sua terapêutica para a América Latina, materializada em seu projeto identitário e no representante deste projeto – o homem latino-americano. Bomfim, no intuito de defender a América Latina das acusações europeias, buscou no referencial teórico da Biologia os elementos necessários para analisar a história e fundamentar sua acusação contra a pretensão neocolonialista da Europa e dos EUA, como será visto a seguir.

3.1 Parasitismo e Degeneração

Conforme visto anteriormente, o conceito de parasitismo social é um dos termos emprestados da Biologia para se analisar a realidade social latino-americana. Dessa forma, o relativo atraso em que se encontrava a América Latina era fruto de um processo histórico, no qual as metrópoles foram, durante todo o tempo de colonização, verdadeiros parasitas. Para defender sua abordagem sociológica a partir de postulados da Biologia, Bomfim afirmou que

Não é o conceito que é condenável, e sim a estreiteza de vistas com que o aplicam à crítica dos fatos sociais, mais complexos, sem dúvida, que os fatos biológicos, pois dependem das leis biológicas, e ainda das leis sociais, peculiares a eles. Uma verdade, porém, é hoje universalmente aceita – que as sociedades existem como verdadeiros organismos, sujeitos como os outros a leis categóricas. Deste consenso unânime vem – exatamente o considerar-se a sociologia como ciência, isto é - o estudo de um conjunto de fatos dependentes de leis fatais, tão fatais como as da astronomia ou da química, fatos estreitamente dependentes e relacionados, e pelos quais nos é dado perceber a sociedade como uma realidade à parte, cujas ações, órgãos e elementos são perfeitamente acessíveis ao nosso exame. Nenhum homem verdadeiramente pensante desconhece, hoje, esta noção, elementar da ciência social: as sociedades obedecem

a leis de uma biologia diversa da individual nos aspectos, mas em essência idêntica. (BOMFIM, 1905, p. 57-58)

A citação acima mostra a defesa que Bomfim fez do uso de conceitos advindos da Biologia para a interpretação do social. Levando-se em consideração os limites, mas também as possibilidades de tal uso e utilizando-se desse aparato conceitual que considera a sociedade como verdadeiro organismo vivo, Bomfim lançou luz à compreensão do passado latino-americano. Tal abordagem do passado latino-americano tinha a pretensão de questionar o arcabouço teórico-argumentativo oriundo da Europa e dos Estados Unidos, que considerava o atraso sócio-econômico da América Latina como fruto de uma sociedade constituída por elementos díspares – tais como os brancos, os indígenas, os negros e, o pior de todos, os mestiços – resultados da mistura e da conseqüente degeneração das raças originais. No entanto, em lugar de pensar as sociedades pura e simplesmente no seu estágio atual e lançar um juízo sobre o que via como sendo resultado de uma inferioridade racial, tal qual faziam europeus e estadunidenses, Bomfim propôs uma abordagem histórica do passado dessas sociedades para se compreender então o estágio atual das mesmas. Em suas palavras,

Como organismos vivos, as sociedades dependem não só do meio, não só das condições de lugar, mas também das condições de tempo. Quer dizer: para estudar convenientemente um grupo social – uma nacionalidade no seu estado atual, e compreender os motivos pelos quais ela se apresenta nestas ou naquelas condições, temos de analisar não só o meio em que ela se acha, como os seus antecedentes. Uma nacionalidade é o produto de uma evolução; o seu estado presente é forçosamente a resultante de ação do seu passado, combinada à ação do meio. É mister estudá-la “no tempo e no espaço”. (BOMFIM, 1905, p. 58)

Tempo e espaço passam, então, a fazer parte do arcabouço interpretativo da América Latina e de seu passado. Nestas condições, Bomfim reconheceu que a América Latina estava enferma. Mas o que viria a ser esta enfermidade e quais as suas causas? Ora, segundo Bomfim, a doença nada mais era do que uma “inadaptação do organismo a certas condições especiais” (BOMFIM, 1905, p. 58). Portanto, a América Latina estava enferma em função da inadaptação da sociedade latino-americana às condições especiais impostas pelo parasitismo social das metrópoles sobre as colônias ibero-

americanas. Este argumento se contrapunha ao discurso da superioridade racial, pois a enfermidade latino-americana, para Bomfim, não era fruto da miscigenação e da conseqüente degeneração dos povos latino-americanos, como acreditavam alguns defensores desta tese, mas sim fruto de uma situação de exploração historicamente identificável, conceituada por Bomfim como parasitismo social. Procurar explicar a enfermidade em que se encontrava a América Latina pura e simplesmente pelo diagnóstico presente não era um procedimento confiável, e é através desta expectativa que Bomfim conclamava os intérpretes da América Latina a procurar, no passado da mesma, as respostas para a atual situação. Conforme Bomfim, “num tal caso, o empenho do clínico é dirigido, todo, não contra o meio atual, pois que este é propício –, mas contra o passado, para vencê-lo e eliminá-lo”, pois é definitivamente “nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais” (BOMFIM, 1905, p.59). Não havia nada de inferior com a América Latina ou mesmo com o homem latino-americano, mas sim eram inferiorizados pelas representações construídas pela Europa e posteriormente pelos Estados Unidos ao longo da história.

O parasitismo social foi um sistema a partir do qual as metrópoles sugavam todas as potencialidades latino-americanas, não permitindo que se desenvolvessem. Ao contrário, fazia o organismo parasitado definhando, beirando a morte, exatamente como aconteceu com a América Latina, pois, na concepção de Bomfim, no momento da independência, ela era um corpo semimorto, que estava naquele instante despertando para a vida. Estas são algumas características da América Latina após passar tanto tempo sob a égide do regime parasitário. Nas palavras de Bomfim, “no fim de três séculos de exploração aturada, de produção intensiva e trabalho escravo, tocado a relho, a América Latina se achou tão pobre como no dia em que os aventureiros luso-espanhóis pisaram aqui, ou mais pobre ainda.” (BOMFIM, 1905, p. 151)

Porém, o parasitismo é um tanto quanto paradoxal, pois, enquanto parasita, subjuga o organismo, sugando-lhe as forças, mas inicia, em contrapartida, um processo de degeneração, pois seus órgãos deixam de exercer as funções para as quais foram criados. Neste aspecto, Bomfim

defendeu que, se há algo degenerado, não é o parasitado, mas sim a figura parasitária, pois a partir do momento em que o parasitado consegue se libertar, aquele que o parasitava encontra-se numa posição de quase extinção, em função da difícil readaptação dos órgãos às funções originais. No organismo parasitado, o que se apresenta é doença e inabilidade mental para caminhar, mas nada que não tenha cura; pelo contrário, o fato de se libertar já indica o caminho para a cura.

Da mesma forma ocorreu com a América Latina que, ao se libertar das metrópoles, teve de construir do nada um caminho próprio e distinto do anterior para se afirmar e se manter em nível sócio-cultural e político perante as nações colonizadoras. Isto leva a perceber o quanto os projetos identitários, tais como o de Manoel Bomfim, eram significativos nesse contexto latino-americano do século XIX e princípios do século XX. Até o século XIX, segundo Bomfim, a América Latina havia sido impedida, pelo parasitismo social metropolitano, de colocar todas as suas potencialidades a serviço do progresso social. Mas o que é o progresso social? Segundo Bomfim, o progresso social consistia

no desenvolvimento da inteligência, pelo esforço contínuo para aproveitar do melhor modo possível os recursos havidos da natureza, da qual tiramos a subsistência, e no apuro dos sentimentos altruísticos, que tornam a vida cada vez mais suave, permitindo uma cordialidade maior entre os homens, solidariedade mais perfeita, um interesse maior pela felicidade comum, um horror crescente pelas injustiças e iniquidades. (BOMFIM, 1905, p. 66)

Tal concepção de progresso social muitas vezes destoava do que se apregoava tanto no século XIX quanto no século XX a partir de concepções imperialistas de desenvolvimento e manutenção das sociedades.

3.2 As Nações Colonizadoras da América do Sul

Para problematizar o parasitismo social, Bomfim analisou as duas nações preponderantes na colonização latina das Américas, Espanha e Portugal, fez um apanhado histórico das campanhas das duas nações, enfatizando que sua educação guerreira, a partir do momento em que passaram a desenvolver o parasitismo, tal parasitismo transformou o que era educação guerreira em banditismo, ou seja, as nações degeneraram ao ponto

de perderem quase completamente toda e qualquer manifestação de humanidade.

Sobre a Espanha, Bomfim afirmou que em toda a sua história, que ele remonta a origem ao século IV a.C. com as invasões cartaginesas até a expulsão dos Mouros em 1492, ela se constituiu por lutas constantes contra invasores que, de tempos em tempos, surgiam na península ibérica. No entanto, ainda que em luta constante, havia assimilações sócio-culturais e raciais tanto por parte dos invasores quanto por parte dos ibéricos. Segundo Bomfim,

duas foram as consequências deste passado de lutas permanentes sobre os povos ibéricos, consequências que se combinaram maravilhosamente para os impelir às aventuras que constituem a sua vida posterior: a educação guerreira, exclusivamente guerreira, a cultura intensiva dos instintos belicosos de centenas de gerações sucessivas; o regime a que eles se afizeram durante esses longos séculos – de viver de saques e razias; o desenvolvimento sempre crescente das tendências depredadoras; a impossibilidade, quase, de se habituarem ao trabalho pacífico (BOMFIM, 1905, p. 83)

Ora, fica claro que Bomfim considerava a vida belicosa da Ibéria como sendo um empecilho a seu próprio desenvolvimento, pois ao invés de desenvolver técnicas de aprimoramento da cultura, da sociabilidade, desenvolveu sim uma cultura da rapinagem e do saque, de forma que, após a expulsão dos mouros, houve a necessidade de encontrar e pilhar outros povos. Segundo Bomfim, foi nesta ânsia por encontrar novas vítimas, que Portugal descobriu as índias e, a Espanha a, América, ambas se lançando ao projeto de pilhar, matar e destruir tudo o que os olhos alcançavam. O que era heróico na defesa da Ibéria se degenerava à condição de lutar por lutar, o que desembocava em outras consequências nefastas na cultura espanhola, que Bomfim afirmou ser vista em elementos como “a audácia do bandido, a intrepidez cruel do toureiro, a selvageria das festas e torneios – tudo resulta, na península, dessa cultura intensiva dos instintos guerreiros” (BOMFIM, 1905, p. 84).

Para Portugal a situação era semelhante, pois foi esta nação quem primeiro se lançou à campanha de “devorar o descoberto”. Em sua primeira missão nas Índias, os portugueses não tinham nenhuma dignidade, nem

mesmo humanidade, a ponto de um dos navegadores de uma nau portuguesa que acabara de saquear os passageiros de um navio árabe, no ano de 1502, afirmarem:

tomamos uma nau de Meca, aonde iam a bordo 300 passageiros, entre eles mulheres e crianças; e depois de sacarmos mais de 1200 ducados de dinheiro e pelo menos 100 mil de fazendas, fizemo-la saltar com os passageiros que continha, por meio de pólvora, no 1º de outubro (BOMFIM, 1905, p.97).

Tal citação de Bomfim era apenas para demonstrar a crueldade e a cultura do saque que a Ibéria desenvolveu, que se prolongou para as colônias americanas através do parasitismo social. Alguns elementos são distintos, mas no geral o princípio era o mesmo: viver subjugando outros povos e sobreviver sem o mínimo de esforço necessário à vida.

Causas comuns produzem efeitos comuns, com esta máxima Bomfim afirmou que a Espanha efetivou na América o que os Portugueses haviam efetivado na Índia: um massacre cruel e sem precedentes, com o qual conseguiram eliminar duas civilizações, com toda sua cultura tradicional, a civilização Asteca e a Inca. Com tal truculência,

tudo desaparecera. Nem atilas, nem tamerlões, nem vândalos, nem citas – ninguém cumprira jamais façanha igual: eliminar duas civilizações, de tal forma que até as tradições se perderam, desaparecendo as próprias cinzas (BOMFIM, 1905, p. 107).

Segundo Bomfim, o parasitismo teve duas manifestações, quais sejam, o parasitismo heróico e o parasitismo sedentário. O primeiro foi característico de Portugal, quando espoliava a Índia, e o segundo foi característico tanto de Portugal quanto da Espanha, quando se instalaram definitivamente na América e a espoliavam continuamente, de forma sedentária. Em sua concepção, o sedentarismo seria o primeiro passo para a degeneração do parasita, assim, o sistema colonial, ao ser inaugurado, marcava o início de sua conseqüente falência pela inutilidade dos órgãos. O tráfico negreiro, por exemplo, foi classificado como parasitismo depredador, no entanto, era também, ao mesmo tempo, fundamento para o desenvolvimento do parasitismo sedentário.

O intuito primeiro de Bomfim foi mostrar ao mundo como a Ibéria desenvolveu ao longo dos séculos a cultura do roubo e da rapinagem, portanto, sempre vivendo de forma parasitária. E o parasitismo se tornou estrutural, sendo que se processava também em escala menor, pois

Todo mundo corria à obra, todas as classes se incorporaram ao parasitismo. O Estado era parasita das colônias; a Igreja parasita direta das colônias, e parasita do Estado. Com a nobreza sucedia a mesma coisa: ou parasitava sobre o trabalho escravo, nas colônias, ou parasitava nas sinecuras e pensões. A burguesia parasitava monopólios, no tráfico de negros, no comércio privilegiado. A plebe parasitava nos adros das igrejas ou nos pátios dos fidalgos (BOMFIM, 1905, p. 119).

Ao contrário de alguns pensadores latino-americanos, como José Enrique Rodó (1900), que via na religiosidade cristã latino-americana um dos fundamentos da identidade cultural, Bomfim afirmava que a inquisição e a Companhia de Jesus foram as duas instituições responsáveis por mergulhar a Ibéria numa inércia sem rumo, também responsáveis pelo não desenvolvimento latino-americano, pois eram uma forte parasita que subjugava até às últimas consequências a vida do homem latino-americano. Assim definiu Manoel Bomfim o papel da Igreja no novo mundo:

Amparada pelo Estado – ou melhor, amparando-se um ao outro - a Igreja estende a sua trama sobre a nova sociedade que vai se formando; escraviza os espíritos, assegura a obediência das populações, semeia superstições, de modo a tornar quase impossível qualquer tentativa de reforma e progresso social. É a escravidão absoluta, intelectual e moral. Ao mesmo tempo, explora como pode o trabalho das pobres raças escravizadas, enriquece com ele, e lá vai para Roma, ou para onde for mister, todo o fruto do trabalho de milhares e milhares de índios e negros (BOMFIM, 1905, p.130).

O parasitismo tornou-se, desde então, a fonte de vida das nações ibéricas que aqui se firmaram. No entanto, assim como as nações parasitadas adoeceram, beirando a morte, o parasita também decaiu, degenerou-se e perdeu quase toda sua vitalidade durante o período de parasitismo social colonial. Como dito alhures, “a função faz o órgão” e eram justamente os órgãos necessários à sobrevivência da Ibéria que quase inexistiam no momento das independências americanas, uma vez que, após de três séculos

de parasitismo, foram necessários outros meios para a subsistência da Ibéria, que não fossem mais os latino-americanos.

O século XIX marcou profundamente a Ibéria, pois foi o século em que o parasita teve de sobreviver sem sua presa. Segundo Bomfim (1905, p.124), foi um “século de estagnação política, de conservantismo sistemático, um século de regresso social”. Bomfim tentou demonstrar ainda que a Ibéria houvesse degenerado, alegando, para tanto, a falta de grandes escritores, filósofos, sábios ou mesmo artistas. Nas palavras do autor,

durante 200 anos de fecunda elaboração, reforma a Europa culta as ciências antigas, cria seis ou sete ciências novas, a anatomia, a fisiologia, a química, a mecânica celeste, o cálculo diferencial, a crítica histórica, a geologia: aparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey, os Buffon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico: - onde está, entre os nomes destes e dos outros verdadeiros heróis da epopeia do pensamento, um nome espanhol ou português? (BOMFIM, 1905, p. 125)

A falta de intelectuais ibéricos seria, mais que um indício, uma prova de que haviam degenerado a partir do parasitismo sedentário na América Latina. A justificativa dada por Bomfim foi a de que a degeneração da sociedade ibérica se deu justamente pelo viés das faculdades racionais, pois “são as faculdades intelectuais que se atrofiaram.” (BOMFIM, 1905, p. 128)

O parasitismo social foi, portanto, uma ferramenta que proporcionou o descortinamento do passado latino-americano, passado que teria colocado a América Latina no estado de debilidade em que se encontrava no final do século XIX e início do século XX. Mas tal passado foi também o grande obstáculo encontrado por Bomfim para a construção do projeto identitário latino-americano, pois era um passado nefasto que deveria ser substituído a todo custo pelas manifestações culturais originais do povo latino americano. Porém, somente poderia haver engajamento social do povo a partir do momento que houvesse um processo de reeducação social, uma educação que pudesse estar sensível à realidade latino-americana para se efetivar o progresso social da América Latina e do homem latino-americano.

3.3 Efeitos do Parasitismo sobre as Novas Sociedades

O parasitismo social levado a cabo pelas metrópoles ibéricas desenvolveu, segundo Bomfim, duas espécies de efeitos, sendo estes gerais e especiais. Os efeitos gerais eram representados pelas modificações e perturbações que ocorriam ao organismo parasitado, pelo simples fato de estar parasitado. Possuíam três ordens de manifestações: o enfraquecimento do parasitado; as violências exercidas sobre ele para que preste uns tantos serviços ao parasita e, finalmente, a adaptação do parasitado às condições de vida que lhe são impostas. Lá os efeitos especiais nos remetem para as especificidades na vida econômica, política, intelectual e moral.

A questão econômica era primordial no parasitismo, sendo os outros aspectos secundários dela derivados, pois em primeiro lugar as riquezas eram sugadas e levadas à Europa e, em segundo lugar, para haver tais riquezas destruíam tudo, sendo que tal era

a síntese da vida econômica das novas nacionalidades por todo o tempo de colônia: o senhor extorquindo o trabalho ao escravo, o negociante, o padre, o fisco, e a chusna dos subparasitas, extorquindo ao colono o que ele roubara ao índio e ao negro. Trabalhar e produzir, só o escravo fazia (BOMFIM, 1905, p. 147).

Ao contrário do que afirmara Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* (2002), na concepção de Bomfim não havia nada de humano na relação entre senhor e escravo; pelo contrário, o que havia eram “gerações e gerações de homens que viveram a martirizar, a devorar gerações de índios e negros escravos pela fome, pelo açoite, pela fadiga. O pobre africano só tinha um meio de libertar-se: a morte” (BOMFIM, 1905, p. 149). A partir dos interesses econômicos, a truculência se desenvolveu, mas, mesmo esta truculência não impediu que os elementos se misturassem e interagissem, desembocando em algo novo, o mestiço latino-americano.

Ainda sobre o aspecto econômico do parasitismo social, Bomfim (1905, p. 157) afirmou que

bastava que se houvesse fixado na América do Sul um décimo da riqueza arrancada ao trabalho do escravo para que ela não precisasse andar hoje, pelo estrangeiro, a mendigar empréstimos que mais a empobrecem. Nada se empregou, aqui, em coisa que signifique efetivamente riqueza: reservas

econômicas – nenhuma; instrumentos de produção – escravos e açoites; regime de trabalho – a ignorância sistemática, irreduzível... No dia da independência, as novas nacionalidades se acharam sem indústria, sem comércio nacional, sem capitais, sem riqueza, sem gente educada no trabalho livre, sem conhecimento do mundo.

O sistema parasitário imposto à América Latina impossibilitou, durante todo o período colonial, todo e qualquer desenvolvimento das colônias. O enfraquecimento da América Latina como um todo foi um dos efeitos gerais do parasitismo social. Tal enfraquecimento, segundo Bomfim, beirou a aniquilação e, até o momento em que escreveu *A América Latina*, no início do século XX, tal enfraquecimento era perceptível, pois boa parte do que era necessário à viabilidade de uma nação ainda estava por fazer. A América Latina só não sucumbiu diante do regime parasitário porque a provisão de parasitas era refeita constantemente, primeiramente pelos nativos, posteriormente pelos negros.

Tal era o quadro da América Latina mergulhada no parasitismo que, além de nutrir o parasita, tinha ainda de defendê-lo e protegê-lo nas guerras. Foi assim que os espanhóis conseguiram destruir milhares de indígenas no México, com a ajuda dos próprios nativos que eram recrutados à força para lutar contra outros indígenas em favor dos interesses ibéricos. Da mesma forma, os explorados do Brasil também se prestaram ao papel de defender os interesses de Portugal na luta contra os invasores das costas brasileiras. De acordo com Bomfim (1905, p. 139), três foram os ataques que sofreu o Brasil colonial:

dos franceses, ao Norte e ao Sul e dos holandeses, em Pernambuco; e foi sempre com o auxílio decisivo das populações naturais, principalmente dos índios, que os portugueses puderam repelir os invasores...foram os pernambucanos – negros e índios, Tapuios principalmente – que defenderam Pernambuco e o reconquistaram para Portugal.

O povo parasitado ainda se colocava à disposição para defender os interesses de seus algozes. No entanto, não eram apenas os interesses das metrópoles que eram defendidos, mas também seus próprios interesses, pois a partir do momento em que as metrópoles não conseguiam garantir a segurança e a estabilidade nas colônias, as próprias colônias se organizaram e

expulsaram os invasores. Isto aconteceu tanto no Brasil, conforme citado anteriormente, quanto nas províncias do Prata, que resistiram bravamente a uma troca de colonizador²¹. Passar das mãos da Espanha para as mãos da Inglaterra não foi algo aceito passivamente, ao contrário, as províncias revidaram e mostraram à Inglaterra que não queriam simplesmente trocar de senhor. É sobre esse aspecto que Bomfim afirmou que, mesmo em meio ao sistema de parasitismo social, a América Latina – e em especial o Brasil – desenvolveu uma concepção de resistência e forneceu elementos de agregação para seu povo, proporcionando-lhe uma coesão sócio-cultural, ainda que a contragosto das metrópoles.

No entanto, mesmo em meio à independência e à constituição das novas nacionalidades, a cultura do parasitismo foi absorvida pelos dirigentes políticos e econômicos da América Latina, todos formados numa mentalidade que buscava seus próprios interesses em detrimento dos interesses do restante da nação. Segundo Manoel Bomfim (1905, p. 158),

o regime parasitário impunha a escravidão. E porque o regime colonial era o do puro parasitismo, foi imposta às novas sociedades uma organização política inteiramente antagônica e incompatível com seus interesses próprios, um regime retardatário, opressivo, corrupto e extenuante... eis a razão por que, exânime, embrutecida, a América do Sul se achou, na hora da independência, como um mundo onde tudo estava por fazer.

A vida econômica resultante do parasitismo social imputou sobre a vida política das novas nacionalidades um desarranjo estrutural, isto porque os maus costumes políticos latino-americanos encontravam-se na mentalidade parasitária herdada das metrópoles. Dessa forma, o Estado – que na modernidade aparece como representante, garantidor, protetor e defensor da nação – na América Latina, em função da cultura parasitária, degenera-se ao ponto de ser para a nação “o inimigo, o opressor e espoliador; a ele não se liga nenhuma ideia de bem ou de útil (...) ainda hoje se notam esses sentimentos porque ainda hoje eles não perderam o seu caráter duplamente maléfico – tirânico e espoliador.” (BOMFIM, 1905, p. 160)

²¹ O episódio se refere à conquista de Buenos Aires por tropas britânicas no dia 26 de Junho de 1806, as quais foram repelidas bravamente por uma milícia crioula sob a direção de Juan Martín de Pueyrredón, que expulsou definitivamente as tropas inglesas no dia 12 de Agosto de 1806. (MYERS, 2007)

É a partir da hereditariedade do parasitismo social nas sociedades ibero-americanas que é possível compreender seus efeitos especiais. Isto posto, segue-se a concepção de que a hereditariedade influenciou tanto no caráter psicológico e social quanto educacional da América Latina. No entanto, é a partir dos conceitos de “herança, educação e reação” que se compreendem os efeitos especiais do parasitismo ibérico sobre as nações ibero-americanas.

A hereditariedade social consiste na “transmissão, por herança, das qualidades psicológicas, comuns e constantes, e que, por serem constantes e comuns, dão a cada grupo social um caráter próprio distintivo” (BOMFIM, 1905, p. 172). Esta concepção de hereditariedades social foi o elemento que permitiu que as nações latino-americanas fossem identificadas em alguns aspectos com as nações colonizadoras, a partir dos elementos parasitários que herdaram.

Contudo, além da hereditariedade, tem-se a questão da educação, pois não se pode apenas definir os destinos dos povos pela questão hereditária. Nesse sentido, segundo Bomfim, a educação promove nas nações uma espécie de adaptação às novas exigências da realidade e complementa a formação do caráter nacional. A educação, portanto, teria o papel fundamental de dar sentido e orientação aos povos na busca por sua identidade e cultura. Se o passado se colocava como o grande fantasma dos destinos da América Latina, era necessário, a partir da re-interpretação e identificação dos elementos funestos que a colocaram em seu estágio atual, eliminar tal passado, ou melhor, resgatar neste passado os elementos que compuseram positivamente a identidade e a cultura latino-americana, descartando todo o resto.

A nova empreitada era nada mais nada menos que construir a América Latina buscando sua identificação sócio-cultural nesse passado que, em grande parte, era símbolo de opressão e atraso. Tal deslocamento de identificação com o passado era fundamental para a América Latina, pois

se não querem morrer entangidas, mesquinhas e ridículas, têm que travar uma luta sistemática, direta, formal, conscientemente dirigida contra o passado, respeitando apenas a sociabilidade afetiva, natural entre as populações, e os sentimentos de hombridade e independência nacional, característicos destes povos (BOMFIM, 1905, p. 179).

Caso contrário, as pretensões tanto europeias quanto estadunidenses para com a América Latina se tornariam efetivas, ou seja, uma neocolonização. Era preciso lutar contra todas as figuras de opressão, seja o passado de parasitismo social seja contra a Europa e os Estados Unidos e suas respectivas representações da América Latina e do homem latino-americano.

Além de lutar contra o passado e contra os inimigos externos, era necessário também e principalmente lutar contra os inimigos internos, que Bomfim classificava como homens formados numa mentalidade alheia à pátria. De acordo com ele, os dirigentes políticos, bem como a intelectualidade latino-americana, em grande parte eram corrompidos pela mentalidade estrangeira, insensível e estéril aos problemas nacionais. Isto poderia ser constatado nos processos revolucionários que se desenvolveram na América Latina e que foram malogrados por seus dirigentes que, ao invés de progresso, no final queriam apenas conservar seus privilégios. Tal era a herança psicológica do parasitismo social aplicado pelos dirigentes das novas nacionalidades. Mas o interessante é que Bomfim desmontou tais posicionamentos, acusando seus responsáveis e conclamando a população à conscientização e construção de novos rumos para as nações latino-americanas. Ao indivíduo que estava à frente das revoluções, mas que no final queria apenas garantir seus interesses pessoais, Bomfim chamou de “revolucionário conservador”. Segundo Bomfim, era o mesmo personagem trabalhado por Machado de Assis em seu livro *O Alienista*.

Indivíduo que revoluciona uma cidade, e se põe à frente das gentes exasperadas contra um médico que, em nome de uma teoria estranha, vai encerrando todo mundo num hospício. O nosso revolucionário depõe as autoridades, faz-se chefe do governo local, vai ao médico, arranca-lhe as chaves do hospício-prisão; mas, com grande espanto das gentes, no momento de franquear as portas, faz um discurso sobre os interesses conservadores da sociedade e os perigos das transições bruscas, e pede o respeito às coisas existentes. Acaba conservando o hospício e o médico. (BOMFIM, 1905, p. 183)

Os dirigentes latino-americanos incorporaram uma dupla personalidade, que era expressa na contradição entre os discursos e os atos, semelhante ao revolucionário de Machado de Assis. Até os intelectuais latino-americanos, para Bomfim, caíram no mesmo erro, pois conheciam e defendiam ideais

européus e desconheciam a realidade que os cercava. As consequências não poderiam ser piores e estariam manifestas nas próprias constituições dos povos. A título de exemplo, tem-se o Brasil que, segundo Bomfim (1905, p. 191),

aboliu-se a centralização, adaptou-se o federalismo, pediu-se uma constituição (...). Uma constituição para o Brasil não centralizado? (...) Está achada: abre-se a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte, e a Constituição da Suíça, e algumas páginas da Constituição Argentina; corta daqui, tira daí, copia dacolá, cosem-se disposições de uma, de outra, e de outra, alteram-se alguns epítetos, pregam-se os nomes próprios, tempera-se o todo com um molho positivistoide e temos uma Constituição para a República do Brasil – federativa e presidencial. Constituição na qual só não entraram a história e as necessidades do Brasil.

Veja-se que era o caráter de reprodutores de ideias e pensamentos estrangeiros que estava sendo questionado nesta citação. Isto porque as constituições deveriam ser feitas levando-se em consideração as especificidades e necessidades da nação, e não mediante a adaptação da nação a uma Constituição alheia à realidade nativa. Era, e ainda continuava sendo, necessário que houvesse progresso na América Latina. Mas o que vinha a ser “progresso”? Nas palavras de Bomfim (1905, p. 196), o progresso se resumia na “estabilidade e liberdade das instituições políticas, boa justiça, instrução popular e atividade social”. Neste sentido, segundo o autor, tal progresso ainda era pouco observado na América Latina.

Bomfim defendeu a instrução como forma de inserção e conscientização social, ou seja, através da educação os laços históricos de coesão sócio-cultural seriam potencializados ao máximo, trazendo para a América Latina não apenas a liberdade efetiva, mas também e principalmente uma identidade coesa, vigorosa e real, identidade esta que faria frente a qualquer nação europeia ou norte-americana.

A instrução era tão importante para Bomfim que a falta dela colocaria a nação fragilizada, suscetível a qualquer investida dos exploradores. Mas, com a instrução, haveria as ferramentas necessárias para o fortalecimento e a resistência da nação. Para fundamentar a defesa da instrução popular, Bomfim citava o exemplo dos Estados Unidos, que haviam se desenvolvido rapidamente na América e afirmava que “não foi a emigração quem produziu o maravilhoso progresso da grande república, mas a cultura, a instrução

generalizada” (BOMFIM, 1905, p. 202) e que tal instrução deveria ser popular e não simplesmente para a elite, como sempre foi na América Latina. Segundo Bomfim (1905, p. 203), em toda a América Latina era comum encontrar

doutores, academias, institutos – universidades, para praticar a inércia sobre uma sociedade de irresponsáveis e estimular à sonolência essa massa popular, que é hoje o que era há 300 anos. Necrópoles de ideias mortas, abandonadas, esquecidas, distanciadas de todos os ideais e aspirações modernas.

Se a América Latina era o lugar do atraso e da sonolência, como citado acima, a educação tinha a função de elevar este corpo semi-morto a um processo de avivamento, de reestruturação, de questionamento do passado, de oposição ao esse passado e de vitória a partir de novos postulados encontrados no seio da nação. Os latino-americanos tinham uma árdua tarefa pela frente, mas Bomfim os animava dizendo que

à tenacidade dos hábitos defeituosos, é preciso opor uma educação igualmente tenaz e aturada... só quem sabe ver e medir os pequenos resultados, obtidos dia a dia, por um esforço contínuo, é capaz de conceber esperanças fortes; assim se reanima a confiança e fortifica-se a tenacidade. Esses, que deste modo educam o seu espírito, não desfalecem nas alternativas da ação, nem são colhidos, nunca, de surpresa (BOMFIM, 1905, p. 205).

São palavras como estas que indicavam Bomfim como um pensador latino-americano que acreditava na viabilidade da América Latina a partir de seus próprios elementos.

3.4 Efeitos Devidos à Tradição e à Imitação

Darcy Ribeiro afirmou que o que mais lhe chamou a atenção na obra de Bomfim foi o fato de que ele se “opõe a todos os antigos e modernos pensadores coniventes com os grupos de interesse que mantém o Brasil em atraso” (RIBEIRO, 2005, p. 20). Mas não apenas o Brasil, e sim a América Latina como um todo. Darcy Ribeiro (2005, p. 20) finaliza dizendo que o que o cativa em Bomfim

é sua extraordinária capacidade de indignação e esperança. É sua certeza de que esse é um país viável. É sua convicção de

que construiremos aqui uma civilização solidária e bela, assim que retirarmos o poder de decisão das mãos de nossas classes dominantes, infecundas e infieis.

O espantoso em Bomfim não era apenas sua indignação e esperança, mas o viés irônico com que dotava suas análises da América Latina como um todo e do Brasil em particular. Tal ironia bomfiniana pode ser percebida na seguinte assertiva a respeito dos processos revolucionários em favor da independência latino-americana:

Em que consistiu a independência? (...) Numa substituição de pessoas: criou-se uma junta, aclamou-se um ditador, elegeu-se um presidente, para substituir o vice-rei, e este se foi embora levando consigo alguns retalhos de tropas e dois ou três funcionários mais suspeitos. Assim se fez nos países em que a mudança foi mais radical. No Brasil e no México, por exemplo, não houve nem isto. (BOMFIM, 1905, p. 212)

Eis a ironia que o caracterizou muito bem, pois, em sua concepção, diferentemente de uma “verdadeira” revolução, na América Latina simplesmente trocaram-se os governos, permanecendo a tradição governamental inalterada. Dessa forma, ele classificou o Estado desenvolvido na América Latina como exatamente igual ao Estado “nos tempos coloniais, salvo modificações de forma, inerentes aos novos regimes políticos.” (BOMFIM, 1905, p. 209)

Um dos elementos de que a América Latina era carente era a educação política, educação que possibilitava à nação lutar e conquistar seus direitos e condicionar seus dirigentes a exercer um governo em sintonia com as aspirações da nação. Por outro lado, a mesma educação política poderia orientar os que são colocados em posição de mando. Dessa forma, Bomfim afirmava que era necessário, a partir de uma nova consciência política, que os dirigentes

saibam conter-se, e tratem de educar-se e educar todas as classes, de modo a que se convençam uns e outros, de que o Estado só tem uma razão de ser: representar e defender os interesses gerais das populações, não tendo outros interesses que não os interesses comuns da sociedade, e o seu bem-estar. (BOMFIM, 1905, p. 213)

A partir do momento em que as classes dirigentes estivessem notadamente em sintonia com as aspirações do povo, neste momento a nação seria forte e vigorosa e teria plenas condições de defender sua soberania, sua

identidade e a cultura nacional. Neste caso específico, a identidade pretendida era a identidade latino-americana, era a coesão sócio-cultural a partir dos elementos agregadores e potencializadores que distinguiram a América Latina do restante dos povos.

O parasitismo social que tanto empobreceu a América Latina também proporcionou a união da mesma América em torno de elementos essenciais correlacionados: religião, língua, cultura, miscigenação racial e plasticidade cultural. No entanto, produziu também um ódio letal contra as antigas metrópoles por parte dos elementos nativos, constituidores da identidade e da cultura latino-americanas. Este ódio proporcionou, ao longo da história do parasitismo colonial ibérico, uma série de rebeliões, resistências e guerras contra as metrópoles, pois “os primeiros sinais de vida nas sociedades americanas foram protestos e revoltas contra o Estado opressor e voraz. Aos protestos e queixas frequentes (...) vinha a rebelião como recurso único.” (BOMFIM, 1905, p. 230)

No Brasil, a verdadeira revolução, na concepção de Bomfim, teria sido a Revolta de Pernambuco, em 1817, que representava as aspirações nacionais sufocadas pelo poder imperial “tacanho e espoliador”. No entanto, a ruptura com Portugal seria uma questão de tempo, pois o Brasil já apresentava elementos constitucionais de uma nacionalidade desde que expulsaram os invasores franceses e holandeses. Nem mesmo o parasitismo seria capaz de frear a marcha que o Brasil havia inaugurado com sua coesão sócio-cultural e, por que não dizer, racial, na participação do mestiço nos destinos do país.

3.5 Revivescência das Lutas Anteriores

Acredita-se que, uma vez feita a independência, restaria apenas administrar a condição de liberdade e afirmar a situação de soberania nacional. No entanto, mais do que isto, segundo Bomfim, era necessário lutar contra os elementos refratários que queriam conservar as novas nações no mesmo regime espoliador que exercitavam na época colonial. Isto pode ser averiguado no fato de que, em alguns casos, na América Latina a própria independência e a República foram proclamadas por indivíduos que, na véspera, eram realistas e monarquistas, que, de um dia para o outro, haviam defendido a

independência e proclamado a República. O Brasil é um caso emblemático neste sentido, pois a independência fora proclamada por um indivíduo da família real que, diga-se de passagem, era herdeiro do trono metropolitano. Décadas mais tarde, após alguma agitação popular,

trava-se nova batalha, desaparece finalmente a monarquia; a revolução é incruenta, proclama-se a República, ninguém protesta; ninguém se espanta mesmo ao ver que, no dia seguinte – literalmente no dia seguinte, toda a gente é republicana. (BOMFIM, 1905, p. 304)

Diante do exposto, fica claro o quão difícil era a tarefa de construir a nacionalidade mesmo depois de “proclamada” a República. Segundo Bomfim, no Brasil, como de resto em toda a América Latina, o “parasitismo social” teria deixado marcas profundas contra as quais se deveria lutar para curá-las. Mas não era fácil tal cura, pois “o conservantismo instintivo de uns, o reacionarismo sistemático de outros, vêm perpetuando todas as causas de mal-estar social” (BOMFIM, 1905, p. 306). Era necessário fazer uma troca de pessoas e consciências e não apenas de regimes ou programas governamentais.

A América Latina contemporânea a Bomfim estava sendo questionada a partir do elemento de progresso civilizacional dos latino-americanos, que segundo a visão corrente na Europa, estava ainda numa condição degenerada, bárbara e caótica. Bomfim saiu em defesa da América Latina e dos latino-americanos afirmando que, ao contrário da Europa ou mesmo dos Estados Unidos, na América Latina, no momento da independência, tudo estava ainda por fazer e não seria em pouco mais de 80 anos que uma herança nefasta do parasitismo social, imposta às antigas colônias ibéricas, seria estancada. Além do curto espaço de tempo, contava ainda contra a América Latina a indisposição tanto de cientistas quanto de políticos europeus²². Mas apesar de tudo isto, a América Latina tem sua própria identidade e seu próprio portador, conforme veremos no capítulo a seguir.

²² Isto pode ser aferido na discussão desenvolvida no capítulo II.

4 A IDENTIDADE “MISTIÇA” DE MANOEL BOMFIM

É importante ressaltar que, quando se fala de identidade, não se está falando apenas do que pode ser observado empiricamente, sobre *como são* os latino-americanos, mas também sobre *como querem ser* os latino-americanos, segundo a perspectiva de Manoel Bomfim – e neste ponto seu projeto se insere como fundamento necessário para a construção do que ainda não está presente, mas que se aspira enquanto uma realidade ideal.

A intenção do projeto bomfiniano era colocar a América Latina no caminho do progresso. Por isso, ele lutou discursivamente para superar o passado trágico e assim permitir que a América Latina fosse colocada nos trilhos do “progresso mundial”. Mas, na concepção de Bomfim, o progresso social não era simplesmente o modelo sócio-econômico defendido pelos Estados Unidos e pela Europa em seus discursos contra a América Latina, consistia também no

desenvolvimento da inteligência, pelo esforço contínuo para aproveitar do melhor modo possível os recursos havidos da natureza, da qual tiramos a subsistência, no apuro dos sentimentos altruísticos, que tornam a vida cada vez mais suave, permitindo uma cordialidade maior entre os homens, uma solidariedade mais perfeita, um interesse maior pela felicidade comum, um horror crescente pelas injustiças e iniquidades. (BOMFIM, 1905, p.66)

Bomfim tentou mostrar que o progresso que buscava para a sua América Latina não estava muitas vezes em conformidade com as concepções europeias ou mesmo estadunidenses.

Enquanto conclamava à reflexão sobre a América Latina, Bomfim afirmava que um dos problemas fundamentais, tanto do Brasil quanto da América Latina como um todo, era que os intelectuais aqui eram formados em uma mentalidade alheia à pátria e queriam que sua terra, com suas especificidades, se condicionassem a sistemas interpretativos desenvolvidos do outro lado do Atlântico. Bomfim fez então uma acusação direta aos intelectuais latino-americanos. Segundo ele, os eruditos sul-americanos desconheciam o meio no qual viviam, pois

existem na América do Sul muitos homens ilustrados – pela livraria, muitos espíritos curtidos de leitura; mas ciência de verdade, que é a ciência baseada na observação, essa não existe. Assim se explica por que se conhece tudo – do céu e da terra – menos o meio e a natureza dentro da qual vivem todos. (BOMFIM, 1905, p. 188-189)

Bomfim chamou a atenção para as particularidades latino-americanas, que iriam fundamentar a consciência libertadora de sua população. Nessa empreitada de libertação das consciências latino-americanas, o autor se voltou para sua concepção de identidade e cultura e defendeu as circunstâncias que permitiram o surgimento do representante da América Latina: o mestiço.

O autor desenvolveu seus argumentos contra discursivos a partir da valorização da mestiçagem e é perceptível como tal valorização contribuiu para a construção do que Bomfim chamou de “comunidade de raças”, ou seja, um lugar onde convivem harmoniosamente, depois de três séculos de tensões, o indígena, o negro, o branco e principalmente a síntese das três raças, o mestiço. Essa comunidade racial seria o que distinguiria a América Latina – e de forma mais intensa o Brasil – do restante das nações espalhadas pelo globo.

As acusações de degeneração racial ocultariam o verdadeiro motivo do atraso latino-americano, qual seja, uma colonização parasitária, que expropriava a riqueza e eliminava as potencialidades de desenvolvimento a colônia. Mas, de acordo com Bomfim, o mesmo indivíduo que era explorado, era ainda o maior responsável por dar continuidade à vida nacional. Por esse motivo, Bomfim elegeu a análise da América Latina a partir dos menos favorecidos, ou melhor, dos que haviam sido marginalizados ao longo do processo de constituição das nações latino-americanas. Segundo Bomfim, as classes dirigentes se mantinham graças à exploração plena do que ele denominou de “proletários” e a nacionalidade só existia porque esses mesmos “proletários” povoavam e constituíam as novas massas de manobra através de sua descendência. Mas, o que era o proletário? Segundo Bomfim, proletário era o “indivíduo que deixa prole. É ele – o miserável, o inferior, o explorado – que faz prole e garante, pela sua descendência forte, a conservação da nacionalidade.” (BOMFIM, 1905, p. 72)

A formação do Brasil deve-se, de forma trágica, à escravização do indígena e, posteriormente, do negro, isto porque o Brasil foi “um produto espontâneo da fertilidade das terras e do tráfico de escravos. Sem os negros, o Brasil não teria existido” (BOMFIM, 1905, p. 115). A seguir é descrita a abordagem que Bomfim fez das raças originárias que deram origem ao mestiço latino-americano.

4.1 O Indígena

O indígena contribuiu significativamente para a construção do Brasil e da América Latina como um todo, pois, de acordo com Bomfim, teriam sido eles, os indígenas, os responsáveis por expulsar os invasores estrangeiros (franceses e holandeses) do Brasil, assim como os ingleses da região do Prata. Em ambas as guerras, os indígenas foram peças chave na expulsão do invasor, pois somente “quando o indígena veio prestar mão forte às gentes da metrópole, puderam elas vencer os seus competidores” (BOMFIM, 1905, p. 139). No entanto, mesmo com a truculência que caracterizou a colonização ibérica, foi possível constituir no Novo Mundo uma civilização mestiça que não era, segundo nosso autor, em hipótese alguma, responsável pelo atraso latino-americano, o que era explicado pela sua situação parasitária.

Sobre o indígena, Bomfim afirmou que ele contribuiu significativamente com a identidade cultural da América Latina, pois seu amor à liberdade e sua capacidade guerreira teriam influenciado na formação forte e vigorosa da nação brasileira, bem como de toda a América Latina, desde os primórdios da colonização.

Para Bomfim, o indígena sempre resistiu ao colonizador justamente por se apegar essencialmente à liberdade e, para defendê-la, lutava até as últimas consequências. Mesmo quando perdia a liberdade e era escravizado, protestava através do único instrumento que lhe sobrava – a morte. Ainda de acordo com Bomfim, ao cativo o “índio resistiu sempre, ferozmente – matando, trucidando, fazendo-se matar, deixando as carnes no tronco e nas algemas, mas buscando a toda hora a liberdade” (BOMFIM, 1905, p. 263). Em sua concepção, “o indígena americano, quanto às qualidades positivas, se caracteriza por um amor violento à liberdade, uma coragem física

verdadeiramente notável” (BOMFIM, 1905, p. 263), o que pôde ser verificado na prática durante a Guerra do Paraguai que, segundo Bomfim,

é um dos mais extraordinários exemplos de resistência coletiva que se conhece. O modo pelo qual aqueles descendentes de guaranis afrontavam a morte é especial deles. Resistência comparável a esta só a dos jagunços brasileiros, em Canudos. (BOMFIM, 1905, p. 264)

Não somente a resistência foi ovacionada por Bomfim, mas a qualidade de trabalhar e produzir, pois em alguns pontos da América tais indígenas levantaram verdadeiros impérios. Como forma de reforçar seus argumentos, Bomfim forneceu alguns exemplos. Segundo ele,

as civilizações do México e do Peru, da América Central e da Califórnia provam que estas raças sabem trabalhar e produzir; a civilização sino-japonesa, apuradíssima e antiga, é obra exclusiva desta raça amarela, de onde são originários os indígenas americanos. (BOMFIM, 1905, p. 265)

Conforme a citação acima, bem antes de haver contato com o homem branco, os indígenas americanos já haviam desenvolvido uma civilização respeitável e, além disso, segundo Bomfim, a afirmativa de que eles seriam inaptos para o progresso mental/intelectual era um engodo para suprimir sua participação nos destinos das nações e serem colocados na condição de exploração extrema. Eram acusados pelos europeus de serem sanguinários e cruéis, mas na verdade os indígenas eram dóceis e amáveis ao receber de bom grado o visitante. No entanto, a partir do momento em que o indígena “percebeu as doçuras do regime que lhe ofereciam, quando sentiu a crueldade, respondeu no mesmo tom (...) vingou a morte e a ferocidade com a ferocidade e a morte” (BOMFIM, 1905, p. 265-266). Ainda analisando a acusação europeia sobre a crueldade dos índios, Bomfim ironizou fazendo perguntas tais como:

foram os índios que inventaram o matar 4 mil prisioneiros à baioneta a fim de poupar pólvora?... Cortar os narizes e as mãos a 400 prisioneiros, cujo crime é o de ter riquezas que foram pelos algozes roubadas?... Pobres indígenas! Falta-lhes a cultura da inteligência, a riqueza de imaginação para achar os requintes de atrocidade que os europeus sabem inventar (BOMFIM, 1905, p. 266)

A vitalidade da ironia bomfiniana chama a atenção por escancarar a fragilidade dos argumentos europeus. Então, questionando o sociólogo

português Oliveira Martins, que defendia o extermínio do indígena por serem inferiores, Manoel Bomfim ironizou novamente com a seguinte pergunta: “Inferiores a quem? Aos portugueses?!” (BOMFIM, 1905, p. 267)

Os indígenas teriam dado claras provas de que poderiam, e via de regra o faziam, aprimorar-se numa cultura intelectual complexa. Segundo Bomfim,

não faltam às raças indianas nenhuma das qualidades susceptíveis de cultura – nem atividade intelectual, nem inclinação social. ‘todas as raças’, diz Topinard, ‘favorecidas pelas circunstâncias, podem progredir’; e esta afirmação ele a faz justamente a propósito dos índios americanos, e não a faz sem salientar a ignorância ou a falsidade dos elementos em que se baseiam os que proclamam a inferioridade e degradação dessas raças. (BOMFIM, 1905, p. 279)

Vê-se, portanto, a partir da concepção bomfiniana, que não havia justificativas para o discurso de inferiorização das raças. Se sobre o indígena Bomfim fez essas considerações, veja-se o que diz em defesa do negro africano.

4.2 O Negro

Em primeiro lugar, é bom ressaltar que, se os pensadores etnocentristas já eram em sua maioria indispostos para com os indígenas, para com os negros a situação era ainda pior, porque afirmam como regra geral que eram raças completamente inferiores. É isso que afirma Oliveira Martins a respeito dos negros, ao classificá-los como seres “abjetamente inferiores, na inferioridade incontestável da sua raça” (OLIVEIRA MARTINS. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 282). Bomfim, analisando o pensamento de Oliveira Martins acerca do negro, afirmou que, para este autor, o negro só tinha uma serventia que era a de “trabalhar como besta para sustentar a malandrice do branco.” (BOMFIM, 1905, p. 29)

Mas a história se prestava, segundo Bomfim, para mostrar que tais raças também eram amantes da liberdade e demonstravam sua resistência ao colonizador desde que para cá foram introduzidos. Para exemplificar, Bomfim afirmou que “a história das revoltas dos negros nas Antilhas, a história de Palmares e dos quilombos ali estão para mostrar que não faltavam aos

africanos e seus descendentes nem bravura, nem vigor na resistência, nem amor à liberdade pessoal.” (BOMFIM, 1905, p. 262)

De acordo com o darwinismo social, os elementos inferiores seriam naturalmente derrotados e explorados, porque isso obedeceria a ordem da seleção natural das espécies, que neste caso daria a vitória ao mais apto, ou seja, ao europeu. No entanto, isto seria uma corrupção das teses de Darwin, pois para ele não havia essencialmente nada de inferior nos negros, o que pode ser confirmado quando disse:

Estimo muito o carácter do negro. É impossível ver um negro sem sentir-se a gente atraída para ele. Tem fisionomias alegres, francas, honestas, o corpo soberbamente musculoso. Nunca pude olhar um destes enfezados portugueses, com o seu aspecto sanguinário, sem desejar, por assim dizer, que o Brasil siga o exemplo do Haiti. (DARWIN. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 276)

Com relação à capacidade de os negros se desenvolverem intelectual e culturalmente, Bomfim também os defendeu, dizendo que bastava observar os negros nos Estados Unidos que, “apesar da guerra implacável da população branca, dá testemunho bem eloquente em prol da aptidão dos negros para a civilização.” (BOMFIM, 1905, p. 286)

4.3 O Ibérico

Oriundos de um processo histórico de assimilação cultural na península, os ibéricos contribuíram grandemente para o surgimento do elemento mestiço e sua respectiva cultura, pois “as raças ibéricas mostraram possuir uma força de assimilação de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa” (BOMFIM, 1905, p. 258). A capacidade e a disposição para a assimilação social, quase imperceptível em outros povos, na península ibérica constituíram um diferencial que foi trazido para a América Latina e elevado ao mais alto grau de possibilidades. É o que se percebe na afirmação de Bomfim de que

transplantadas para a América, as gentes da península transmitiram suas qualidades distintas às novas populações. Aqui encontramos essa mesma plasticidade intelectual e essa mesma sociabilidade, acaso mais desenvolvida ainda. (BOMFIM, 1905, p. 260)

Portanto, a principal característica da América Latina, a mestiçagem, é devedora em alto grau desta disposição ao contato e à assimilação herdadas dos ibéricos.

Outro elemento típico dos ibéricos, que se somou às novas características dos povos latino-americanos, foi sua violência na resistência e na defesa da independência nacional. Tais características estiveram presentes, segundo Bomfim, na luta constante contra o colonizador e contra as pretensões de neo-colonização. Sabe-se, porém, que este comportamento violento na defesa da independência e soberania nacionais foi

às vezes doentio, outras vezes ingênuo e retumbante, mas em todo caso irreduzível, orgânico, instintivo, acendendo-se facilmente, explodindo brutal e feroz à ameaça de qualquer sonhado perigo. (BOMFIM, 1905, p. 258)

É sob tal influência que Bomfim chama a atenção para os perigos de se perder a soberania da América Latina, conclamando os latino-americanos a se unirem para defendê-la e mantê-la.

4.4 A Mestiçagem

Antes de defender a mestiçagem, Bomfim iniciou uma discussão acerca da teoria das raças inferiores e o peso que ela exercia sobre os destinos da América Latina. Sua defesa da mestiçagem parte do combate a tal teoria, desbancando-a a partir dos critérios de observação empírica do homem latino-americano. Ele classificou essa teoria como sendo “um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes” (BOMFIM, 1905, p. 268). Segundo o autor, os que defendiam a degeneração humana a partir da miscigenação na América Latina na verdade visavam a legitimar o interesse de exploração deste continente.

Um dos grandes problemas enfrentados pela América Latina no contexto do século XIX foi lidar com as teorias depreciativas da realidade latino-americana. Um dos grandes argumentos utilizados por europeus era o de que a miscigenação racial produzia um povo degenerado, incapaz de se

autogovernar. Tal concepção justificaria a tarefa apostólica da Europa, e por que não dos EUA, de trazer a civilização para este continente.

Bomfim experimentou de perto essa visão deturpadora enquanto estudava em Paris, no início do século XX. É este contato, em terra estranha, com a visão dos estrangeiros sobre sua América Latina, que gerou indignação e determinação de sua parte em analisá-la em suas reais manifestações, para refutar as concepções europeias acerca dela. Em sua representação discursiva da América Latina, aparece algo que soa como aberração para os EUA e para a Europa, que é a defesa do mestiço e da convivência pacífica, em igualdade de condições, das diversas raças. Isto deu origem, no pensamento de Bomfim, à ideia de “comunidade de raças”, que não era percebida em nenhum outro lugar, sendo, pois, um traço característico da América Latina e, portanto, um dos elementos fundamentais de sua identidade.

Segundo Bomfim, os povos ibéricos possuíam uma capacidade de assimilação sócio-cultural ímpar entre os povos, o que teria sido o diferencial na constituição das novas sociedades, chamadas aqui de latino-americanas. Para o autor, apesar de uma

preocupação de soberania nacional e de independência pessoal, as raças ibéricas mostraram possuir uma força de assimilação de que não se tem exemplo em nenhum outro povo da Europa [...] Este poder de assimilação deriva de uma grande plasticidade intelectual e de uma sociabilidade desenvolvidíssima, qualidades preciosas para o progresso, e mercê das quais estas nacionalidades seriam hoje entre as primeiras do Ocidente, se não tivessem derivado para o parasitismo que as degradou. (BOMFIM, 1905, p. 258-259)

Quando Bomfim se referiu à Ibéria para fundamentar sua concepção de “comunidade de raças”, afirmou que “daqueles aluviões de gentes –fenícios, celtas, cartagineses, romanos, godos, suevos, alanos, mouros, árabes (...) ela fizera uma nacionalidade única, perfeitamente caracterizada, homogênea e forte” (BOMFIM, 1905 p. 80). Tal plasticidade fez com que houvesse, desde os primórdios da colonização, uma mistura racial intensa, que, mesmo contrariando as expectativas dos povos de origem anglo-saxônica, desenvolveu uma maior respeitabilidade social entre essas raças e seus cruzamentos.

Na América Latina, portanto, vislumbra-se aquilo que se tentou por vários séculos evitar nas colônias inglesas, a miscigenação racial, que

proporcionou uma equiparação racial na qual o negro, o branco, o indígena e a síntese dos três – o mestiço – fizeram-se presentes no seio das nações. Para nosso autor, na América Latina poder-se-ia verificar a mesma plasticidade do homem ibérico, no entanto elevada ao mais alto cume, pois

a assimilação dos povos se tem feito, até entre raças radicalmente distintas – brancos, pretos, índios. É por isso que, apesar das distâncias, da extrema disseminação dos povos e a falta de comunicações, há menos diferença entre o brasileiro de Manaus e o de Santa Catarina que entre um bretão e um marseelhês; o alemão de Saxe se distingue melhor do de Hamburgo que não se distingue o venezuelano do argentino. (BOMFIM, 1905, p. 260)

Na “comunidade de raças” de Bomfim, o elemento mestiço latino-americano exerceu um papel de proeminência, pois representava o que há de mais original e positivo nessa cultura. Neste aspecto, Bomfim conferiu um caráter positivo à mistura de raças, mistura que deveria ser inclusive seguida por outras nações à beira de uma guerra civil, em função da segregação racial.

Manoel Bomfim, em sua obra, conseguiu identificar no americano não somente um homem miscigenado cultural e racialmente, mas um homem melhorado em todos os aspectos e que, se ainda não havia transcendido os europeus, era porque estes últimos haviam levado a cabo o parasitismo social a tal ponto de ter criado uma cultura da subalternidade no corpo parasitado. Assim, seu discurso visava a libertar a cultura latino-americana das amarras históricas impostas pelos colonizadores.

Manoel Bomfim forneceu também uma definição do que seria cultura. Para ele, cultura era sinônimo de vida do espírito e, para compreendê-la era necessário

representar cada indivíduo como sendo o nó vivo, de uma teia igualmente viva e ativa, a sociedade – espécie de trama, urdida em todos os sentidos possíveis, e cuja atividade se manifesta justamente como produtos desses nós. (BOMFIM, 1923, p. 18)

Nesta concepção, os latino-americanos são seres responsáveis pela cultura, no sentido de que participam coletivamente de tudo que é inventado individualmente e o reinventam continuamente. Esta concepção só poderia ser desenvolvida em função de uma ideia de cultura não-estática, pelo contrário,

sempre dinâmica, que fosse fruto, ainda que inconscientemente, da vontade que, segundo Bomfim, permitiria a inovação. Para ele, “a vontade é a essência da atividade e da transformação, como a inércia é a essência da conservação e da resistência.” (BOMFIM, 1905, p. 338)

O que a América Latina precisava era se libertar dos estigmas, e esta libertação se daria mediante batalha, não batalha bélica, mas sim batalha de representações, pois o que estava em jogo era o confronto entre a representação elaborada pelos europeus sobre a América Latina e a representação de si própria, construída pelos intelectuais americanos, dentre eles o próprio Manoel Bomfim. O latino-americanismo se constitui, portanto, no articulador de um contra-discurso, que visou a elaborar uma representação coletiva para fazer frente às representações estereotipadas acerca da comunidade latino-americana.

Nesse prisma, a obra de Bomfim faz uma representação do passado latino-americano ao passo que é, ela mesma, uma representação sócio-histórica do tempo na qual foi constituída. Olhando para a obra em questão, percebe-se que “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não o são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são articuladas (políticas, sociais, discursivas) e constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p.27). Bomfim mostrou que não estava neutro no discurso, mas comprometido com a defesa dos que haviam sido, ao longo do processo histórico, marginalizados, ou seja, com a América Latina como um todo.

Nesse ponto fica claro o choque de representações no qual estava inserido. Ao analisar sua obra, percebe-se que os argumentos foram constituídos gradativamente no intuito de edificarem não somente uma representação das tradições, mas da própria cultura e com isso realçar o sentimento de co-pertencimento presente em seu projeto identitário, pois a união latino-americana se daria mediante laços de ajuda mútua e fraternidade a serviço do bem comum do povo, o que, segundo Bomfim, poderia ser identificado nas relações sociais desenvolvidas no interior das nações latino-americanas, como se percebe na assertiva a seguir.

Apesar de quantos defeitos que lhes emprestam, as sociedades em que vivem se impõem ao amor de quem as conhece, porque não existe nelas essas lutas baixas, vis e

repugnantes, pelo interesse estreito e pela feroz avidez. Por isso mesmo que as necessidades de cada um são quase nulas, o egoísmo não as afeta, nem embaraça a expansão da sociabilidade natural, instintiva, como ela é instintiva em todos os homens. Quem viajou o interior das terras brasileiras, por exemplo, notou, por força, a cordialidade, a paz relativa em que vivem essas populações – arraiais, povoados, restos de aldeamentos, onde se acumulam os casebres de sapê, onde vivem como formigas – formigas que não trabalham – os produtos da mistura de negros, índios, resíduos de colonos, etc... Fique a acusação por conta de quem a faz; mas convenham que, apesar de tudo, essa tendência à sociabilidade, esse altruísmo, é uma boa qualidade, um elemento favorável ao progresso moral. (BOMFIM, 1905, p. 293-294)

A obra *A América Latina: males de origem* foi o resultado de um exercício de atribuição de sentido à realidade, que visou a ordenar atos e fatos para remontar o *Ethos* (costumes de um povo) latino-americano e, como tal, necessitou muitas vezes resignificar e articular a capacidade criativa para o *Telos* (finalidade), que é a coesão sócio-cultural latino-americana. Bomfim vinculou sua interpretação do presente da América Latina a sua representação do passado histórico, no sentido de indicar a pretensa continuidade e invariabilidade temporal entre um passado e um presente comuns.

Na construção da identidade latino-americana mestiça, os sofrimentos e as lutas comuns também forjaram laços de co-pertencimento, de forma que a consciência de pertencer à ibero-américa fundamentou-se na consciência de um passado e um presente comuns, o que lançaria perspectivas semelhantes para o futuro. O sentimento de co-pertencimento pressupõe, por sua vez, a segurança de existência de um mesmo passado comum, composto de dramas e sucessos, vitórias e derrotas compartilhadas. Mas, em ambos os casos, a concretude da identidade, depende do discurso, no sentido de que é este discurso que representa as afinidades e as aspirações de um povo. A identidade passa, portanto, por um processo de construção levada a cabo por determinados agentes sociais, que fazem uso de estratégias discursivas diversas para despertar o sentimento de co-participação em torno de uma determinada comunidade, que passa a ser pensada de uma determinada forma. Nas palavras de Bomfim a idéia de identidade passa necessariamente pela idéia de uma “comunidade de sentimento e de linguagem (...) pois dois indivíduos que se compreendem estão mais perto de fraternizar e progredir,

principalmente se a raça, a educação e os gostos morais os aproximam também.” (BOMFIM, 1905, p. 192)

Entretanto, a representação que o autor construiu não foi uma invenção deliberada, mas sim o resultado de uma intencionalidade a serviço da adequação do passado às novas conjunturas histórico-sociais, pois a tradição anterior, que se mostrava paradoxal, foi criada para dar sustentáculo ao governo parasitário ibérico, como se percebe na narrativa de Bomfim. Tal construção foi levada a cabo por ele, tanto continentalmente (pensando a América Latina) quanto nacionalmente (pensando a nação brasileira).

Já foi abordada aqui a forma como os teóricos das questões raciais que defendiam a inferioridade do negro, do índio, bem como do resultado da mistura entre o negro, o índio e o branco, ou seja, a inferioridade do mestiço, trabalhavam seus argumentos no final do século XIX e início do século XX. Observou-se também que, para refutar os argumentos de inferioridade racial como fundamento do atraso em que se encontrava a América Latina no início do século XX, Bomfim apontou que a causa era histórica e não racial, de forma que o atraso seria justificado pelo sistema parasitário implantado nas novas colônias que as impossibilitou de prosperarem. Observou-se ainda que, contra tal sistema parasitário, bem como contra uma cultura de detração, também explicitada nas teses pseudocientíficas, Bomfim desenvolveu elementos capazes de impulsionar um contra discurso a partir de um projeto identitário.

Foi neste sentido que Bomfim propôs uma identidade de âmbito latino-americana, na qual o elemento mestiço era o seu cerne, ou melhor, seu portador privilegiado. Diante do exposto, poder-se-ia, então, afirmar que a base mais sólida da identidade latino-americana estava muito bem definida, segundo Bomfim, a partir de sua natureza mestiça. E esta foi a característica que esteve presente em todos os povos ibero-americanos, embora seja mais acentuada em algumas nações do que em outras.

Bomfim quis, em última instância, incluir o latino-americano mestiço, enquanto um ser dotado de identidade própria, na comunidade humana mundial. Para tanto, ele afirmou que

hoje conhecemos toda a humanidade, e toda ela nos interessa; vê-la solidária, unida, aliviada de toda opressão, aproveitando em comum, segundo as necessidades de cada

grupo, os recursos que a ciência tem revelado, é o ideal de todos que têm um ideal. Tal sentimento é nobre e humano, desde que, pugnando pelos interesses e necessidades de um povo, não busque resolvê-los em oposição aos interesses gerais da espécie. (BOMFIM, 1905, p. 36)

No entanto, para promover a boa relação da humanidade, há a necessidade de uma identidade regional, uma sinergia identitária do latino-americano, para que em seu relacionamento com outros conjuntos de povos já constituídos e legitimados, tais como a Europa e os EUA, haja a possibilidade de se relacionar, ao menos do ponto de vista sócio-cultural, em igualdade de condições. Como não havia essa igualdade à época de Bomfim, sua tarefa foi proporcioná-la discursivamente, por meio de um discurso de resistência, fundador de identidade.

Em seu livro *A América Latina*, Bomfim chamou a atenção para o fato de que a ideia de pátria remetia a uma relação na qual estariam presentes tanto os sentimentos de co-participação quanto a existência objetiva de um povo, uma cultura, limites geográficos, interesses comuns e necessidade de conservação da vida. Segundo Bomfim, “a pátria é um sentimento e é um fato, pois que nos sentimos fazer parte de um meio social, temos uma pátria, fora de qualquer pensamento exclusivista, fora de qualquer preocupação agressiva.” (BOMFIM, 1905, p. 36)

Partindo do pressuposto de que a identidade latino-americana é mestiça, o Brasil teria sido o precursor de tal identidade, pois, segundo Bomfim (1929, p. 334),

por motivo de solidariedade íntima e de coesão essencial, o povo brasileiro da colônia era, ao mesmo tempo, um ânimo de liberdade, pois que se fizera na fusão de raças e de tradições, em contato com a natureza virgem, estuante de energias acumuladas. Desse cruzamento, resultara para ele a capacidade primeira de progresso, essa plasticidade que, ainda hoje é a superioridade da nossa gente, sedenta de inovações a todos os progressos, como sem peias de rotinas e sem preconceitos do passado.

Dessa forma, para Bomfim o Brasil teria sido o primeiro, mas não o único, a permitir a miscigenação racial e cultural, dando forma a um novo povo na América, independente, forte, vivaz e potencialmente superior às raças matrizes, por constituir-se do que havia de melhor das três raças. Para Bomfim,

o brasileiro mestiço poderia ser considerado como modelo latino-americano de identidade mestiça, pois, no Brasil, desde os primórdios da colonização, foram “fundindo-se as raças componentes, desprezaram-se e desfizeram-se os preconceitos que, noutras colônias, criaram as castas, dando motivo às lutas de raças.” (BOMFIM, 1929, p. 335)

Bomfim, ainda em sua refutação da depreciação mestiça e da valorização da mestiçagem, utilizou-se de uma citação do próprio Darwin a respeito do mestiço. Segundo Darwin,

ninguém contestará que há mulatos tendo o caráter e o coração excelentes, e seria difícil encontrar uma reunião de homens mais doces e amáveis que os habitantes das ilhas de Chiloé, originários de uma mistura, em proporções várias, de índios e espanhóis. (DARWIN. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 289)

Darwin foi citado justamente para ser defendido das más utilizações de suas teorias pelo darwinismo social, teorias que legitimariam a inferioridade das raças mestiças. Para mostrar que o mestiço poderia e deveria ser considerado o elemento mais original da América Latina, Bomfim citou ainda uma série de autores que compartilhavam com ele uma apreciação do mestiço. Um exemplo foi Quatrefages²³, para quem, em suas palavras, os mestiços latino-americanos tinham mostrado

uma decidida superioridade artística sobre as duas raças mães. A quase totalidade dos pintores e músicos brasileiros pertencem à raça cruzada; muitos se tornaram notáveis em medicina (...) na Venezuela os mulatos têm-se distinguido como oradores, publicistas, poetas (...) reconhecem-lhes, sobretudo aos da América, muita inteligência, espírito e imaginação. (QUATREFAGES. *Apud*: BOMFIM, 1905, p. 291)

Percebe-se nesta citação que as qualidades dos mestiços latino-americanos foram ressaltadas no intuito de valorizar a mestiçagem e sua potencialidade. Em outro momento, Bomfim afirmou que, mais do que uma mistura pura e simples de raça e cultura, na América Latina era possível perceber a emergência do novo. De acordo com ele, “mais do que sangues, caldeiam-se as tradições logo que raças diferentes se encontram. Combinam-se as qualidades de espírito e completam-se as respectivas manifestações,

²³ Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau (1810-1892) foi um naturalista e antropólogo francês.

numa expressão vivamente nova e original”. Bomfim (1929, p.36) afirmou inclusive que era fundamental que se efetivasse a miscigenação entre raças distintas, pois isto seria saudável no sentido de proporcionar a emergência de um resultado novo, conforme o se pode observar no seguinte argumento: “o progresso resulta da fusão de elementos dessemelhantes. Esta fusão é criadora porque dela resulta qualquer coisa, que não é nem um nem outro dos componentes que difere dos dois, e que é novo” (BOMFIM, 1929, p. 174). Este elemento novo, mestiço, seria o portador da renovação dos povos latino-americanos, pois na mestiçagem “dobram-se os costumes aos exemplos, criam-se novos motivos, entrevêm-se novas possibilidades, e novas capacidades se revelam em vista dessas possibilidades.” (BOMFIM, 1929, p. 185)

Neste sentido, o novo é o latino-americano mestiço, que teria qualidades distintas, o que o tornaria símbolo da identidade da América Latina. Ao invés de negar tais características, segundo o nosso autor, dever-se-ia reconhecê-la e valorizá-la, pois este era precisamente o aspecto que nos diferenciava dos “outros”, pois “a mistura de qualidades morais e intelectuais, na mestiçagem, pode dar lugar ao aparecimento de aptidões novas” (BOMFIM, 1905, 288). A identidade latino-americana iria trazer, segundo Bomfim, a dignidade humana para a América Latina como um todo, pois a dignidade humana está

em não aceitar, nem resignar-se à necessidade... do mal; está em revoltar-se e lutar contra ele. A indignação e a luta contra o mal são também fatos sociais e funções legitimamente humanas, mais nobres que a pura contemplação, se elas se completam pelo estudo das causas da miséria e do atraso social, e se buscam o meio de combater-las e suprimi-las (1905, p. 361).

Segundo Bomfim, somente a partir do momento em que houvesse esta consciência e este sentimento de co-participação a América Latina, através de sua identidade, ou seja, da identidade mestiça, poderia se mostrar ao mundo tal qual realmente é, ou melhor, tal qual seu potencial se apresentava. Caso contrário, a América Latina continuaria na condição de subserviência aos interesses europeus e estadunidenses. A propósito, afirmou que,

para que um povo realize de fato uma nação ou sociedade política, em tipo formal de civilização, ele há de ser uma

legítima combinação humana, verdadeira síntese de qualidades psíquicas, não diversas dos elementos formadores, mas distinta e caracterizada, como síntese ou unidade nova e complexa. (BOMFIM, 1929, p. 188)

A citação acima mostra que a unificação de vontades era fundamental para qualquer projeto de sociedade, sendo na América Latina uma tarefa imprescindível, que deveria ser levada adiante por todos os seus componentes, em especial o mestiço. Havia, na concepção de Bomfim, uma espécie de “destino manifesto” para o mestiço. Bomfim conclama a todos os latino-americanos a tomarem consciência do que são e do que podem ser, conforme pode ser observado no seguinte clamor identitário:

Conheçamo-nos e chegaremos à convicção de que somos um povo cruzado, e que povos cruzados serão sempre aquilo em que se fizeram: expressão de misturas combinadas. Poderão unificar-se; hão de unificar-se, em tipos definidos e estáveis. E esta certeza nos basta. Aceitemos o destino em que nos formamos; tenhamos a hombridade de ser o que somos, e façamos o dever em esforços, para que esse povo misturado venha a ser uma nação de civilização realmente humana, aproveitando todas as possibilidades de espírito e de coração, como as encontramos, na herança das raças donde viemos. (BOMFIM, 1929, p. 195)

Se, portanto, a América Latina só faz sentido se pensada com base nas raças e culturas cruzadas, querer conduzi-la a um tipo puro é o mesmo que deferir-lhe um golpe fatal, pois a identidade da América Latina é, segundo Bomfim, essencialmente mestiça.

CONCLUSÃO

A identidade mestiça defendida por Manoel Bomfim em detrimento de seus interlocutores no Brasil, que defendiam teoria das raças inferiores, o colocou em evidência no âmbito intelectual da primeira república. Em muitos aspectos, poderíamos atribuir a Bomfim a originalidade de quem nadou contra a corrente de idéias de seu tempo, ou poderíamos dizer que estava inserido no debate de idéias do seu tempo só que invertendo os resultados.

A presente dissertação foi construída no intuito de mostrar a viabilidade de se identificar em Manoel Bomfim o projeto de identidade latino-americana, que em sua obra passa pela idéia de uma identidade mestiça. Isto porque além de se falar em identidade latino-americana, esta identidade tem um diferencial se comparada com outras identidades, e o diferencial está justamente na mestiçagem, que na América Latina e no Brasil de forma mais perceptível foi levada ao mais alto grau. Bomfim chama a isto de plasticidade cultural, plasticidade esta assimilada dos ibéricos e que é um traço distintivo positivo.

No entanto, percebemos que o livro *A América Latina: Males de Origem* só foi possível ser concebido em função do contato que o autor teve com as teses depreciativas do novo mundo e de seus habitantes, quando esteve em Paris, em 1903 para seus estudos de psicologia. Tais teses o impulsionou a construir uma narrativa contra-discursiva desbancando os argumentos presentes nestes círculos europeus.

O fundamento básico para tais teses depreciativas era o Darwinismo social que somado às interpretações naturalistas desenvolvidas no século XVIII por Buffon e De Pauw e por Hegel no início do século XIX, que potencializaram não apenas a má vontade para com a América Latina, mas também e principalmente fundamentava a possibilidade de uma neo-colonização. Estes são os argumentos básicos do segundo capítulo que ressalta as teses que fundamentaram as concepções acerca da inferioridade da América Latina e de seu povo. Inferioridade esta que seria a legítima desculpa para uma nova colonização civilizatória dos povos mais desenvolvidos. Bomfim classifica os argumentos de Buffon, De Pauw, Hegel e do darwinismo social como sendo pseudo-científicos, não tendo legitimidade nenhuma para fundamentar as

explicações do atraso latino-americano, que não era fruto das raças que compunham o cenário latino-americano, mas sim de contingências históricas instituídas a partir de um sistema de parasitismo sedentário implementado nas colônias por parte das metrópoles.

Por fim, trabalhou-se a originalidade do projeto identitário bomfiniano e sua fundamentação discursiva. Fundamentação esta que passou pela abordagem de seus pilares que são: a idéia de parasitismo social e especificamente a identidade mestiça. Quando Bomfim fala de comunidade de raças faz referência à plasticidade cultural característica dos povos ibéricos que foi incorporada na América Latina na prática da mestiçagem e na incorporação cultural das três raças. Isto em sua concepção permitiu o surgimento do mestiço, portador da identidade latino-americana.

Para desestabilizar o discurso europeu sobre a inferioridade constitutiva dos povos latino-americanos, Bomfim desenvolve o conceito “parasitismo social”, que serve para mostrar que o atraso latino-americano não se dá pelas raças que a compõem, mas sim pelo sistema de espoliação a que fomos sujeitos historicamente.

O projeto identitário de Bomfim mostrou a viabilidade da identidade latino-americana se materializar em uma identidade mestiça. Isto porque o que temos de mais original na América Latina é o elemento mestiço e em sua concepção é este elemento que representará a identidade da América Latina. Isto pode ser justificado no aspecto de que o mestiço concatena as melhores qualidades das três raças originais, sendo, pois potencialmente superior aos elementos de que originaram.

Toda esta argumentação confirma as hipóteses iniciais, quais sejam, a possibilidade de se ter em Manoel Bomfim um projeto identitário latino-americano, com base e sustentação próprias e de caráter mestiço.

Seu pensamento segue uma linha que se inicia com a análise de uma unidade regional latino-americana, esta analisada aqui nesta dissertação e se desenvolve no sentido de pensar a unidade nacional brasileira, questão que fica em aberto para desenvolvimento posterior. Será neste novo projeto que pretendemos vincular Bomfim como sendo um dos pilares interpretativos do Brasil, ao lado dos já consagrados autores Gilberto Freyre, Caio Prado Junior e

Sergio Buarque de Holanda. Isto porque em alguns aspectos Bomfim desenvolve originalmente idéias que estão presentes nos três autores.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

AYERBE, Luis Fernando. *O ocidente e o "resto": A América Latina e o Caribe na cultura do império*. Buenos Aires, Clacso, 2003.

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. "Teorias sobre a identidade". "Organismo e identidade". In: *A construção do social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo horizonte: UFMG, 2001.

BOLÍVAR, Simon. "A carta da Jamaica". In: *Fuentes de La Cultura latinoamericana*. México: Fondo de Cultura econômica, 1995.

BOMFIM, Manoel, BILAC, Olavo. *Prática da Língua Portuguesa: Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio, 1899.

BOMFIM, Manoel, BILAC, Olavo. *Livro de leitura: para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1901.

BOMFIM, Manoel. *Compêndio de zoologia geral*. Paris: Garnier, 1902.

BOMFIM, Manoel. *Elementos de zoologia e botânica gerais*. Paris: Garnier, 1904.

BOMFIM, Manoel. *O fato psíquico*. Rio de Janeiro: Tipografia Espíndola, 1904.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina; males de origem: O parasitismo social e evolução*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BOMFIM, Manoel, BILAC, Olavo. *Através do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1910.

BOMFIM, Manoel. *Obra do germanismo*. Rio de Janeiro: Tipografia Bernard Frères, 1915.

BOMFIM, Manoel. *Lições de Pedagogia: Teoria e Prática da Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1915.

BOMFIM, Manoel. *Noções de psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1917.

BOMFIM, Manoel. *Primeiras saudades*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1920.

BOMFIM, Manoel. *Lições e leituras*. Rio de Janeiro: Editora Casa Electros, 1922.

BOMFIM, Manoel. *Crianças e homens*. Rio de Janeiro: Editora Casa Electros, 1922.

BOMFIM, Manoel. *Livro dos mestres*. Rio de Janeiro: Editora Casa Electros, 1922.

BOMFIM, Manoel. *Pensar e dizer: Estudo do Símbolo no Pensamento e na Linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Casa Electros, 1923.

- BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América: Caracterização da Formação Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, 2ª edição.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil na História: Deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, 2ª edição.
- BOMFIM, Manoel. *Cultura e educação do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1932.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura – estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BURITY, Joanildo A. (org.). *Cultura e Identidade. Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *Variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Editora Atica, 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARPENTIER, Alejo. *Literatura & Consciência Política na América Latina*. São Paulo: Editora Global, 1969.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. *América para a Humanidade: O americanismo universalista de José Martí*. Goiânia: editora UFG, 2003.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Nossa América: A utopia de um novo mundo*. São Paulo, editora Anita Garibaldi, 2001.
- CASANOVA, Pablo González (org.). *América Latina: História de meio século*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I. Arte de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. Lisboa: Difel, 1991.
- CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- CHIAPPINI, Ligia, BRESCIANI, Maria Stella. *Literatura e cultura no Brasil: Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- COUTINHO, Nelson Carlos. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&a, 2005.

- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAYRELL, Eliane Garcindo e IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). *América Latina Contemporânea: Desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.
- DUSSEL, Enrique. *1492 O Encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FALCON, Francisco. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da Profecia ao Labirinto: imagens da história na ficção Latino-americana contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FILHO, Aluizio Alves. *Pensamento Político no Brasil: Manoel Bomfim um Ensaísta Esquecido*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local. Novos ensaios sobre antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOLDMAN, Noemi. *El discurso como objeto de la historia*. Buenos Aires: Hachette, S/D.
- GONTIJO, Rebeca. *Manoel Bomfim (1868-1932) e O Brasil na história*. Dissertação de Mestrado. UFF, (2001).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural*. São Paulo: Unicamp, 1982.
- HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.
- HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nação e Nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- IANNI, Octavio. *O labirinto latino americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- IBÁÑEZ, Jorge Larrain. *Modernidad, Razon e Identidad em América Latina*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1996.

JAUSS, Hans Robert. "A Estética da Recepção: Colocações Gerais". In: LIMA, Luís Costa (org). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. "O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis". In: LIMA, Luís Costa (org). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

ABDALA JUNIOR, Benjamim (org.). *Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo & Outras Misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KLAHN, Norma y CORRAL, Wilfrido H. (org). *Los novelistas como críticos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. *Espacio de experiencia y horizonte de expectativa dos categorías históricas*. In: *Futuro pasado*. Barcelona, Buenos Aires, México: Ediciones PAIDOS, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *História conceptual e história social*. In: *Futuro pasado*. Barcelona, Buenos Aires, México: Ediciones PAIDOS, 1992.

LIMA, Luís Costa (org). *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

LOPES, Marcos Antonio (org). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MAN, Paul de. *A Resistência à Teoria*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORSE, Richard M. *O Espelho de Próspero: Cultura e Idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina: As relações políticas no século XX, xerifes e cowboys, um povo eleito e o continente selvagem*. São Paulo: Contexto, 1991.

MYERS, Jorge. A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825). IN: *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

NUNES, Maria Thetis. *Silvio Romero e Manoel Bomfim: Pioneiros de uma ideologia nacional*. In: *Cadernos da UFS*. Aracaju: UFS, S/D.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do seu devir*. São Paulo: Edusp, 1992.

OLIVA, Terezinha Alves de. *O pensamento geográfico em Manoel Bomfim*. Tese de Doutorado. Rio Claro: 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PINSKY, Jaime (org.). *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 1994.
- RAMA, Ángel. *O Boom em Perspectiva. A crítica da cultura na América Latina*. Biblioteca Ayacucho, S/D.
- REINATO, Eduardo José. *El Quijote de Los Andes: Bolívar e o imaginário da independência na América, 1810-1830*. Goiânia: ed. UCG, 2000.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: De Calmon a Bomfim*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: editora FGV, 1999.
- REIS, José Carlos. *Manoel Bomfim e a identidade nacional brasileira*. In: *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- RETAMAR, Roberto Fernandez. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- RETAMAR, Roberto Fernandez. Introdução a José Martí. In.: *Nossa América*. MARTÍ, José. São Paulo: Editora Hucitec, 1983, pp.13-62.
- RETAMAR, Roberto Fernandez. *Pensamiento de nuestra América: Autorreflexiones y propuestas*. Buenos Aires: Clacso, 2006.
- RETAMAR, Roberto Fernandez. *Todo caliban*. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- RIBEIRO, Darcy. *América Latina: A Pátria Grande*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, Antropólogo. In.: *A América Latina: Males de Origem*. BOMFIM, Manoel. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. São Paulo: ed. Da UNICAMP, 1991.
- ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra, fronteiras da História*. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1997.
- ROMERO, Silvio. *A América Latina: Análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim*. Porto: Livraria Chardron, 1906.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência da história*. Brasília: UNB, 2001.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SALCEDO-BASTARDO, J.L. *Bolívar: Un continente y un destino*. Caracas: gráfica Armitano, 1977.
- SANTOS, Claudofranklin Monteiro. *Viajando com Bomfim e Bilac Através do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Aracaju: 2003.
- SANTOS, Luis Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: O império e o interamericanismo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- SARMIENTO, Domingos Faustino. *Facundo: Civilização e Barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

- SCHILLING, Voltaire. *Estados Unidos e América Latina: Da Doutrina Monroe à Alça*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, José Maria de Oliveira. *Da Educação à Revolução: Radicalismo Republicano em Manoel Bomfim*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de santa cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SOUZA, José Pardini. Manoel Bomfim – Messianismo ou revolução: para onde marcha a sociedade? IN: *EDUCERE – Revista da educação*. Toledo - PR, Vol.1, n.1: Jan./Jun. 2001.
- SUSSEKIND, Flora e Roberto Ventura. *História e dependência: cultura e sociedade em Manuel Bonfim*. São Paulo: Moderna, 1984.
- TEDESCO, Ítalo. *Urdimbre estética, social e ideológica del Indigenismo em América Latina*. Caracas: Ediciones del Vicerrectorado de Investigación y Postgrado, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ZEA, Leopoldo, MAGALLÓN, Mario (compiladores). *Latinoamérica: Encrucijada de culturas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- ZEA, Leopoldo. *América em la Historia*. Madrid: Editorial Revista de Occidente, 1970.
- ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. México: Editorial Pomaca, 1965.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)